

P.C. CAST + KRISTIN CAST



queimada

UM ROMANCE DA CASA DA NOITE

Tradução de Susana Serrão

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



*P.C.: Este é dedicado ao meu Guardião. Adoro-te.
Kristin: (Ela refere-se a ti, "Shawnus")*



queimada

AGRADECIMENTOS

P.C.:

Este livro não teria sido possível se três homens muito especiais não me tivessem aberto a sua história, as suas vidas, e os seus corações. Tenho uma dívida de gratidão para com Seoras Wallace, Alain Mac au Halpine e Alan Torrance. Os eventuais erros na minha ficcionalização e relato da sua mitologia escocesa e irlandesa são meus e só meus. Guerreiros, agradeço-lhes. Além disso, OBRIGADA, Denise Torrance, por me salvares de tanta testosterona do Clã Wallace!

Enquanto fazia investigação sobre a Ilha de Skye, a minha base foi a belíssima Casa Toravaig. Gostaria de agradecer à equipa de lá por me proporcionarem uma estadia tão agradável – mesmo que não pudessem fazer nada quanto à chuva!

Por vezes, tenho necessidade de ir para aquilo a que os amigos e a família chamam a minha “gruta de escritora” a fim de terminar um livro. Foi o caso de *Queimada* e a minha gruta ficou assaz suportável graças a Paawan Arora e ao Grand Cayman Ritz Carlton, bem como a Heather Lockington e a sua maravilhosa equipa na espantosa Cotton Tree (www.caymancottontree.com). Obrigada, obrigada, por me ajudarem a fazer das Ilhas Caimão a minha segunda casa e a esconder-me do mundo para poder escrever e escrever e escrever.

Empreguei algum idioma gaélico neste livro. Sim, é difícil de pronunciar (mais ou menos como Cherokee), e há muitas versões diferentes (mais uma vez, como Cherokee). Com a ajuda dos meus peritos escoceses, empreguei Gaélico principalmente oriundo das antigas línguas dalriádicas e galovidianas da costa ocidental da Escócia e da costa noroeste da

Irlanda. A este dialeto se chama habitualmente Gal-Gaélico ou GalGael. As eventuais confusões são só minhas.

Kristin:

Obrigada ao Treinador Mark do Bootcamp de Tulsa e à Precision Body Art por me ajudarem a sentir forte, poderosa e linda.

E obrigada ao Shawnus por me dar paz e sossego!

Ambas:

Como sempre, reconhecemos a ajuda da nossa equipa na St. Martin's Press: Jennifer Weis, Matthew Shear, Anne Benson, Anne Marie Talberg e a espantosa equipa de design que continua a fazer capas fabulosas! ADORAMOS A SMP!

Obrigada à MK Advertising e ao seu trabalho nos sítios Web www.pccast.net e www.houseofnightseries.com.

Como sempre, eu e a Kristin mandamos beijinhos e agradecimentos à nossa maravilhosa agente e amiga, Meredith Bernstein. A Casa da Noite não existiria sem ela.

E finalmente, **obrigada** a todos os nossos fãs leais. Minha gente, vocês são absolutamente Do Melhor!

queimada



PRIMEIRO CAPÍTULO

Kalona

Kalona ergueu as mãos. Não hesitou. Não havia dúvida alguma na sua mente quanto ao que tinha a fazer. Não permitiria que nada nem ninguém lhe tolhesse o caminho, e aquele rapaz humano estava entre ele e o objeto do seu desejo. Não queria particularmente matar o rapaz; também não queria particularmente o rapaz vivo. Era uma simples necessidade. Não sentia remorsos nem arrependimentos. Tal como fora a norma durante os séculos desde que caíra em desgraça, Kalona *sentia* muito pouco. Por conseguinte, com indiferença, o imortal alado partiu o pescoço ao rapaz e pôs-lhe fim à vida.

— *Não!*

A angústia daquela única palavra paralisou o coração de Kalona. Deixou cair o corpo inerte do rapaz e rodopiou nos calcanhares a tempo de ver Zoey a correr na sua direção. Entrelharam-se. Nos olhos dela, desespero e ódio. Nos dele, uma negação impossível. Tentou articular palavras que a pudessem fazer compreender – que a pudessem fazer perdôá-lo. Porém, não havia nada que ele pudesse dizer para mudar o que ela presenciara e, mesmo que ele pudesse obrar o impossível, não havia tempo.

Zoey atirou todo o poder do elemento espírito contra ele.

Atingiu o imortal, abalou-o com uma força muito além do físico. O espírito era a sua essência – o seu âmago – o elemento que o sustentara durante séculos e com o qual ele sempre se sentira mais à vontade, assim como mais poderoso. O ataque de Zoey marcou-o. Levantou-o no ar com tal força que foi atirado sobre o enorme muro de pedra que separava a ilha dos vampyros do Golfo de Veneza. A água gelada en-

goliu-o, sufocou-o. Por um instante, a dor dentro de Kalona foi tão paralisante que ele não se debateu. Talvez devesse deixar que aquela luta terrível pela vida e suas vantagens terminasse. Talvez, mais uma vez, se devesse deixar vencer por ela. Contudo, menos de um batimento de coração depois de o pensar, *sentiu-o*. A alma de Zoey estilhaçou-se e, tão certo como a queda dele que o levara de um reino a outro, o espírito dela partiu deste mundo.

Este conhecimento feriu-o mais do que o ataque dela.

Zoey, não! Ele nunca quisera fazer-lhe mal algum. Mesmo depois de todas as maquinações de Neferet, em todas as manipulações e planos da Tsi Sgili, ele agarrara-se bem à noção de que, apesar de tudo, iria recorrer aos seus vastos poderes imortais para manter Zoey em segurança porque, em derradeira instância, ela era o mais próximo que ele poderia chegar de Nyx naquele mundo – e era o único mundo que lhe restava.

A debater-se para recobrar do ataque de Zoey, Kalona içou o seu corpo maciço das ondas envolventes e apercebeu-se da verdade. Por sua causa, o espírito de Zoey desaparecera, ou seja, ela morreria. Com a primeira golfada de ar, soltou um grito lancinante de desespero, a ecoar a última palavra dela, *Não!*

Teria realmente acreditado que, desde a sua queda em desgraça, já não tinha verdadeiramente sentimentos? Fora um tolo e estivera tão enganado. As emoções assolaram-no quando levantou voo logo acima da linha de água, a desbastarem-lhe o espírito já ferido, a brutalizarem-no, a enfraquecerem-no, a sangrarem-lhe a alma. Com a vista enegrecida e desfocada, contemplou a lagoa, semicerrou os olhos para ver as luzes que anunciavam terra. Nunca lá chegaria. Teria de ser no palácio. Não tinha alternativa. Com as últimas reservas de força, as asas de Kalona bateram contra o ar frio, levantaram-no sobre o muro, onde ele se deixou cair na terra enregelada.

Não sabia quanto tempo ali ficara na escuridão fria da noite partida, enquanto as emoções lhe esmagavam a alma abalada. Algures nos confins da sua mente, compreendeu a familiaridade do que lhe acontecera. Tornara a cair só que, desta vez, era mais em espírito do que em corpo – embora o seu corpo já não lhe parecesse seu para governar.

Sentiu a presença dela ainda antes de a ouvir falar. Fora assim entre eles desde o princípio, quer ele o desejasse verdadeiramente, quer não – simplesmente detetavam-se um ao outro.

— Deixaste que o Stark assistisse quando mataste o rapaz! — A voz de Neferet era mais gélida do que o mar de inverno.

Kalona virou a cabeça para poder ver mais do que a ponta do sapato

queimada

de salto agulha dela. Ergueu os olhos para ela, a pestanejar para limpar a vista.

— Acidente. — Re-encontrara a voz, conseguira proferir um sussurro rouco. — Zoey não deveria ter estado ali.

— Os acidentes são inaceitáveis, e não me ralo coisíssima nenhuma que ela lá *estivesse*. Aliás, o resultado do que ela viu é assaz conveniente.

— Sabes que a alma dela se estilhaçou? — Kalona odiou a fraqueza contranatura da sua voz e a estranha letargia do seu corpo, quase tanto quanto odiava o efeito que a beleza gélida de Neferet tinha sobre ele.

— Imagino que a maioria dos vampyros da ilha já o saiba. Como é típico da Zoey, o espírito dela não foi propriamente discreto na sua despedida. Pergunto-me, porém, quantos vampyros sentiram também o golpe que a fedelha te deu ainda antes de partir. — Neferet tamborilava no queixo com uma unha comprida e afiada.

Kalona permaneceu calado, a esforçar-se para se concentrar e reunir as pontas rasgadas do seu espírito despedaçado, mas a terra que sentia contra o corpo era real demais, e ele não tinha força para se elevar e alimentar a alma nos vestígios tufados do Outro Mundo que lá vogavam no ar.

— Não, não me parece que algum deles o tenha sentido — continuou Neferet, na sua voz mais fria e calculista. — Não há ninguém ligado à Escuridão, *a ti*, como eu estou. Não é assim, meu amor?

— Estamos ligados de uma forma única — consegui balbuciar Kalona, embora desejasse, de súbito, que as palavras não fossem verdade.

— Deveras... — disse ela, ainda absorta em pensamentos. Depois Neferet arregalou os olhos quando se apercebeu de outro fenómeno.

— Questionei-me durante muito tempo como é que A-ya teria conseguido ferir-te *a ti*, um imortal fisicamente tão poderoso, a ponto de aquelas megeras cherokee ridículas te poderem encurralar. Acredito que a pequena Zoey acabou de facultar a resposta que tens escondido de mim com tanto cuidado. O teu corpo pode ser atingido mas apenas através do teu espírito. Não é fascinante?

— Eu hei de sarar. — Kalona falou com a voz mais forte que conseguiu. — Leva-me para Capri e para o castelo lá. Leva-me para o telhado, o mais perto do céu que puder ser, e eu hei de recuperar a minha força.

— Imagino que sim – se eu estivesse inclinada a fazê-lo, mas tenho outros planos para ti, meu amor. — Neferet levantou os braços acima dele. Continuou a falar e começou a tecer com os dedos compridos pelo ar, a criar padrões complexos, como uma aranha a fazer a teia. — Não permitirei que a Zoey interfira connosco mais nenhuma vez.

— Uma alma estilhaçada equivale a uma sentença de morte. Zoey já não constitui ameaça para nós — disse ele. Com olhos sabedores, Kalona observava Neferet. Ela atraía a si um negrume pegajoso que ele reconhecia demasiado bem. Passara vidas inteiras a lutar com essa Escuridão antes de acolher o seu poder frio. Pulsava e flutuava de uma maneira conhecida e inquieta debaixo dos dedos dela. *Ela não deveria poder mandar na Escuridão de um modo tão tangível.* O pensamento derivou como um rebate a finados na cabeça cansada dele. *Uma Sumo-Sacerdotisa não deveria ter tal poder.*

No entanto, Neferet já não era meramente Sumo-Sacerdotisa. Crescera além das barreiras desse papel há algum tempo, e não tinha dificuldade alguma em controlar o negrume móvel que conjurara.

Ela está a tornar-se imortal, apercebeu-se Kalona e, com essa percepção, o medo aliou-se à mágoa e ao desespero e à raiva, onde já estavam a fervilhar dentro do Guerreiro caído de Nyx.

— Dir-se-ia que seria uma sentença de morte — Neferet falava com calma enquanto puxava cada vez mais fios negros como pez — mas a Zoey tem o hábito terrivelmente inconveniente de sobreviver. Desta vez vou assegurar-me de que ela morre.

— A alma de Zoey também tem o hábito de re-encarnar — disse ele, a espicaçar Neferet de propósito para a tentar desconcentrar.

— Então irei destruí-la uma e outra vez! — A concentração de Neferet só aumentou com a raiva que as palavras dele evocaram. O negrume que ela tecia intensificou-se, a contorcer-se de poder inchado no ar que a rodeava.

— Neferet. — Ele tentou tocá-la tratando-a pelo nome. — Comprendes mesmo aquilo que estás a tentar comandar?

O olhar dela encontrou o dele e, pela primeira vez, Kalona viu a mancha escarlate que se aninhava na escuridão dos olhos dela.

— Claro que compreendo. É aquilo a que os seres menores chamam o mal.

— Eu não sou um ser menor e também já lhe chamei mal.

— Ah, há séculos que não chamas. — O riso dela era malévolos. — Mas parece que, ultimamente, tens vivido demasiado com as sombras do teu passado, em vez de te deleitares no adorável poder tenebroso do presente. Eu sei quem tem a culpa disso.

Com um esforço tremendo, Kalona conseguiu sentar-se.

— Não. Não quero que te movas. — Neferet apontou um dedo na direção dele, e um fio de negrume serpenteou no pescoço dele, apertou e puxou-o para baixo, prendendo-o ao chão outra vez.

queimada

— O que queres de mim? — Perguntou ele em voz rouca.

— Quero que sigas o espírito da Zoey até ao Outro Mundo e que garantas que nenhum dos seus *amigos* — Neferet fez um esgar ao dizer a palavra — consiga arranjar maneira de a convencer a juntar-se ao corpo.

O choque abalou o imortal.

— Fui banido por Nyx do Outro Mundo. Não posso seguir Zoey até lá.

— Ah, mas enganas-te, meu amor. Estás a ver, sempre pensaste em tudo literalmente. Nyx expulsou-te – tu caíste em desgraça – não podes voltar. Por conseguinte, acreditaste durante séculos que é assim. Bem, literalmente, não podes. — Ela suspirou teatralmente, e ele olhou-a inexpressivamente.

— O teu corpo espantoso foi banido, mais nada. Nyx disse alguma coisa sobre a tua alma imortal?

— Não disse nada. Se a alma estiver separada do corpo muito tempo, o corpo morrerá.

— Mas o teu corpo não é mortal, portanto pode estar indefinidamente separado da alma sem morrer — disse ela.

Kalona tentou que o terror que as palavras dela lhe incutiam não se manifestasse no semblante.

— É verdade que não posso morrer, mas não significa que permaneça ileso se o espírito sair do corpo por muito tempo. — *Poderei envelhecer... enlouquecer... tornar-me num invólucro imorredouro de mim mesmo...* As possibilidades giravam na sua cabeça.

Neferet encolheu os ombros.

— Então terás de te assegurar de que terminas a tarefa bem depressa, para poderes voltar ao teu adorável corpo imortal antes de este ficar irreparavelmente lesado. — Ela lançou-lhe um sorriso sedutor. — Eu não gostaria nada que algo de mal acontecesse ao teu corpo, meu amor.

— Neferet, não faças isso. Estás a pôr em movimento coisas que irão exigir recompensa e cujas consequências não vais querer encarar.

— Não te *atrevas* a ameaçar-me! Eu libertei-te do teu cárcere. Eu amava-te. E depois vi-te adular aquela adolescente queixosa. Quero-a fora da minha vida! Consequências? Venham! Já não sou a Sumo-Sacerdotisa fraca e ineficaz de uma deusa que obedece a regras. Não compreendes isso? Se não andasses tão distraído por aquela criança, saberias disso sem que eu precisasse de to dizer. Sou tão imortal como tu, Kalona! — A voz dela era feérica, amplificada pelo poder. — Somos um par perfeito. Tu também pensavas assim, e voltarás a pensar, quando já não houver Zoey Redbird.

Kalona olhava-a, compreendia que Neferet estava completa e verdadeiramente louca, e perguntava-se porque razão tal loucura só servia para alimentar o seu poder e intensificar a sua beleza.

— Por conseguinte, eis o que decidi fazer — continuou ela, falando metodicamente. — Vou manter o teu corpo sensual e imortal em segurança debaixo da terra algures, enquanto a tua alma viaja até ao Outro Mundo e se assegura de que a Zoey não volta para este.

— Nyx nunca o permitirá! — As palavras jorraram dele antes que se pudesse impedir.

— Nyx permite sempre o livre arbítrio. Enquanto antiga Sumo-Sacerdotisa dela sei, sem qualquer sombra de dúvida, que ela te permitirá escolher viajar *em espírito* até ao Outro Mundo — disse Neferet astutamente. — Não te esqueças, Kalona, meu verdadeiro amor, se assegurares a morte da Zoey, acabarás com o último impedimento a que nós reinemos lado a lado. Eu e tu seremos inimaginavelmente poderosos neste mundo de maravilhas modernas. Pensa nisso – subjugaremos os humanos e traremos de volta o reino dos vampyros em toda a sua beleza e paixão e o poder ilimitado que tal significa. A terra será nossa. Iremos, deveras, dar nova vida ao passado glorioso!

Kalona sabia que ela estava a manipular as suas fraquezas. Em silêncio, amaldiçoou-se por a ter deixado aprender tanto sobre os seus desejos mais recônditos. Confiara nela, e Neferet sabia que, como ele não era Erebus, nunca poderia verdadeiramente governar ao lado de Nyx no Outro Mundo, e que se sentia impelido a recriar o máximo do que perdera neste mundo moderno.

— Compreendes, meu amor, se considerares com lógica, que está certo que sigas a Zoey e que cortes o elo entre a alma e o corpo dela. Fazê-lo serve muito simplesmente os teus desejos consumados. — Neferet falava em tom casual, como se os dois conversassem sobre o tecido do seu vestido mais recente.

— Como é que poderei sequer encontrar a alma da Zoey? — Kalona tentou ombrear com o tom desprendido dela. — O Outro Mundo é um reino tão vasto, só deuses e deusas o podem atravessar.

A expressão calma de Neferet endureceu e fez com que a sua beleza cruel fosse terrível de contemplar.

— Não finjas que não tens ligação à alma dela! — A imortal Tsi Sgili respirou fundo. Num tom mais razoável, continuou — admite, meu amor; tu saberias encontrar a Zoey mesmo que mais ninguém soubesse. O que escolhes, Kalona? Governar na terra a meu lado, ou permanecer escravo do passado?

queimada

— Escolho governar. Escolherei sempre governar — disse ele sem hesitação.

Assim que ele falou, os olhos de Neferet mudaram. O verde deles ficou completamente toldado de escarlate. Ela virou aquelas órbitas incandescentes para ele – a retê-lo, a prendê-lo, a encantá-lo.

— Então escuta-me, Kalona, Guerreiro Caído de Nyx, pelo meu juramento irei manter o teu corpo em segurança. Quando Zoey Redbird, Sumo-Sacerdotisa iniciada de Nyx, já não existir, juro-te que irei retirar estas grilhetas tenebrosas e que permitirei o regresso do teu espírito. Depois levar-te-ei ao telhado do nosso castelo em Capri e deixarei que o céu sobre nova vida e força em ti, para poderes governar este reino como meu consorte, meu protetor, *meu Erebus*. — Kalona viu, impotente, Neferet passar uma unha comprida e pontiaguda pela palma da mão direita. Com a mão em concha para segurar o sangue que se acumulava, ergueu-a em oferenda.

— Pelo sangue reclamo esse poder; pelo sangue vinculo este juramento. — Em seu redor, a Escuridão mexeu-se e desceu sobre a palma da mão dela, a contorcer-se, a tremer, a beber. Kalona sentia a atração dessa Escuridão. Falava-lhe à alma com sussurros sedutores e poderosos.

— *Sim!* — A palavra era um gemido rasgado fundo na garganta dele, e Kalona entregou-se à Escuridão gananciosa.

Quando Neferet continuou, a voz soava-lhe ampliada, inchada de poder.

— É escolha tua que eu tenha selado este juramento pelo sangue com a Escuridão, mas se me falhares e o quebrares...

— Não falharei.

O sorriso dela era sobrenatural na sua beleza; os olhos dela giravam em sangue.

— Se tu, Kalona, Guerreiro Caído de Nyx, quebrares este juramento e falhares na minha demanda jurada de destruir Zoey Redbird, Sumo-Sacerdotisa iniciada de Nyx, terei o domínio sobre o teu espírito enquanto tu fores imortal.

As palavras de resposta saíram-lhe involuntariamente, como que invocadas pela Escuridão, a qual ele escolhera durante séculos em detrimento da Luz.

— Se eu falhar, terás o domínio do meu espírito enquanto eu for imortal.

— Assim jurei. — Mais uma vez, Neferet cortava a palma da mão e criava um X sangrento na carne. O cheiro acobreado chegou a Kalona

como fumo que se dissipa do fogo quando ela voltou a erguer a mão para a Escuridão.

— Que assim seja! — O rosto de Neferet contorceu-se de dor quando a Escuridão bebeu dela outra vez, mas Neferet não se retraiu – não se mexeu até que o ar em seu redor latejasse, prenehe do seu sangue e juramento.

Só então baixou a mão. A língua saiu-lhe da boca, lambeu a linha escarlate e terminou com a hemorragia. Neferet foi até ele, dobrou-se, e pôs gentilmente as mãos nas faces dele, à semelhança do que ele fizera ao rapaz humano antes de desferir o golpe mortal. Ele sentia a Escuridão a pulsar nela e em redor dela, um touro enraivecido ansiosamente à espera das ordens da sua senhora.

Os lábios vermelhos de sangue dela pararam antes de tocarem nos dele.

— Com o poder que corre pelo meu sangue, e pela força das vidas que tirei, ordeno-lhes, meus deliciosos fios de Escuridão, que tirem a alma do corpo deste imortal Vinculado pelo Juramento e a levem céleres para o Outro Mundo. Ide e façam como mandei, e juro que lhes sacrificarei a vida de um inocente que ainda não tenham conseguido macular. Faz por mim, farei por ti!

Neferet respirou fundo e Kalona viu os fios negros que ela invocara a entrarem-lhe nos lábios cheios e vermelhos. Ela sorveu a Escuridão até ficar repleta dela, e depois tapou a boca dele com a sua e, com aquele beijo enegrecido e manchado de sangue, soprou a Escuridão para dentro dele com tal força que esta lhe arrancou do corpo a alma já ferida. Quando a sua alma gemeu numa agonia silenciosa, Kalona foi obrigado a subir, a subir, e a entrar no mundo de onde a sua Deusa o banira, deixando o corpo sem vida, agrilhado, Vinculado pelo Juramento ao mal, e à mercê de Neferet.

queimada



SEGUNDO CAPÍTULO

Refaim

O tambor sonoro era como o bater do coração de um mortal: infindável, envolvente, esmagador. Ecoava na alma de Refaim ao ritmo do latejar do seu sangue. Em seguida, a acompanhar a batida do tambor, as palavras de antanho ganharam forma. Enrolaram-se no corpo dele para que, mesmo quando dormia, a pulsação dele se aliasse em harmonia com a melodia intemporal. No sonho, as vozes de mulheres cantavam:

*Antigo dormente, à espera da ressurreição
Quando o poder da terra derramar o sangue sagrado
A marca é verdadeira; da Rainha Tsi Sgili criação
Ele será lavado do seu leito amortalhado*

A canção era sedutora e, como um labirinto, curvava sempre sobre si.

*Pela mão dos mortos ele será libertado
Beleza terrível, visão monstruosa
Por ele mais uma vez serão dominados
As Mulheres obedecendo à sua mão tenebrosa*

A música era um encantamento sussurrado. Uma promessa. Uma bênção. Uma maldição. A recordação do que previa agitou o corpo dormente de Refaim. Contorceu-se e, como uma criança abandonada, murmurou uma pergunta de palavra única:

— Pai?

A melodia concluiu-se com a rima que Refaim decorara séculos antes:

*A canção de Kalona é doce de escutar
Enquanto chacinamos com calor de enregelar*

— ...*chacinamos com calor de enregelar.* — Mesmo a dormir, Refaim reagia às palavras. Não despertou, mas o batimento do coração aumentou – as mãos fecharam-se em punhos – o corpo retesou-se. No limbo entre o sono e a vigília, o tambor gaguejou e parou, e as vozes suaves das mulheres deram lugar a uma que era funda e sobejamente conhecida.

— *Traidor... Cobarde... Falso... Mentiroso!* — A voz masculina era uma condenação. Com a sua litania de raiva, invadia o sonho de Refaim e sacudia-o completamente para o mundo acordado.

— Pai! — Refaim endireitou-se, livrou-se dos papéis velhos e bocados de papelão que usara para fazer ninho.

— Pai, estás aqui?

Lobrigou um movimento pelo canto do olho e lançou-se para a frente, carregando na asa partida quando espreitou das profundezas do armário escuro de madeira de cedro.

— Pai?

O seu coração soube que Kalona não estava lá ainda antes de o vapor de luz e movimento tomar forma e revelar uma criança.

— *O que és tu?*

Refaim concentrou o olhar ardente na rapariguinha.

— Vai-te, aparição.

Em vez de se desvanecer como deveria, a criança semicerrou os olhos para o estudar, com ar intrigado.

— *Tu não és pássaro, mas tens asas. Não és rapaz, mas tens braços e pernas. E os teus olhos também são como os de um rapaz, só que vermelhos. Portanto, o que és tu?*

Refaim sentiu-se tomado de ira. Com um lampejo de movimento que fez com que a dor irradiasse como adagas pelo corpo todo, saltou de dentro do armário e aterrou a centímetros do fantasma – predatório, perigoso, defensivo.

— Sou um pesadelo que ganhou vida, espírito! Vai-te e deixa-me em paz antes de aprenderes que há coisas muito piores do que a morte a temer.

Com aquele movimento abrupto, a criança fantasma recuara um passinho, e agora o ombro roçava no vidro da janela baixa. Porém, ficou ali, a observá-lo com um olhar curioso e inteligente.

— *Chamaste pelo teu pai enquanto dormias. Eu ouvi. Não me enga-*

queimada

nas. Sou esperta e lembro-me das coisas. Além disso, não me metes medo porque só estás ferido e sozinho.

Depois o fantasma da rapariguinha cruzou os braços com petulância sobre o peito franzino, sacudiu o cabelo louro comprido e desapareceu, deixando Refaim tal como o caracterizara, ferido e sozinho.

Os punhos abriram-se. O coração acalmou. Refaim tropeçou pesadamente de volta ao seu ninho improvisado e descansou a cabeça contra a parede do armário atrás de si.

— Patético — murmurou alto. — O filho favorito de um imortal antigo reduzido a esconder-se em ruínas e a falar com o fantasma de uma criança humana. — Tentou rir-se mas não conseguiu. O eco da música do sonho, do passado, ainda ressoava alto no ar à sua volta. Assim como a outra voz – aquela que ele poderia jurar ser a do pai.

Já não podia estar sentado. Sem ligar à dor no braço e à agonia doentia que era a sua asa, Refaim pôs-se de pé. Odiava a fraqueza que lhe invadia o corpo. Quanto tempo estivera ali, ferido, exausto do voo desde o depósito, e enrolado dentro daquela caixa na parede? Não se lembrava. Teria passado um dia? Dois?

Onde estava ela? Ela disse que iria ter com ele de noite. E ali estava ele, onde Stevie Rae lhe dissera que fosse. Era noite, e ela não aparecera.

Com um ruído de desprezo por si mesmo, saiu do armário e ninho, passou pelo parapeito onde a rapariguinha se materializara e dirigiu-se a uma porta que dava para uma varanda no telhado. O instinto levava-o ao segundo andar da mansão abandonada, logo após a alvorada, quando lá chegara. No final até do seu grande reservatório de força, só pensara em segurança e sono.

Porém, agora estava demasiado desperto.

Contemplou o recinto vazio do museu. A geada que caíra do céu durante dias cessara e deixara as árvores enormes que rodeavam as colinas verdejantes onde ficava o Museu Gilcrease e a sua mansão abandonada com ramagens vergadas e estragadas. A visão noturna de Refaim era boa, mas não detetava movimento algum lá fora. As residências que enchiam a zona entre o museu e a baixa de Tulsa estavam quase tão escuras quanto na viagem que ele fizera após a alvorada. Havia luzinhas a polvilharem a paisagem – não os grandes clarões de eletricidade que Refaim esperava de uma grande cidade. Não passavam de velas débeis e trémulas – nada comparado com a magia do poder que aquele mundo podia evocar.

Não havia, claro, mistério algum no que acontecera. As linhas elétricas que levavam a energia às residências dos humanos modernos tinham sido cortadas com a mesma inevitabilidade com que a geada sopesara os

ramos das árvores. Refaim sabia que isso era bom para ele. Salvo pelos ramos caídos e outros detritos deixados nas estradas, as ruas pareciam quase transitáveis. Se a grande máquina elétrica não estivesse avariada, as pessoas teriam enchido aquele recinto quando retomassem a sua vida humana de todos os dias.

— A falta de energia mantém os humanos longe — resmungou ele de si para consigo. — E a *ela*, o que a mantém longe?

Com um ruído de frustração pura, Refaim escancarou a porta decrépita, buscando ato contínuo o céu aberto para acalmar os nervos. O ar estava fresco e denso com a humidade. O nevoeiro pairava baixo na relva de inverno, em lençóis ondulados, como se a terra se tentasse ocultar dos olhos dele.

Refaim olhou para cima e respirou fundo num estertor. Inalou o céu. Parecia-lhe invulgarmente brilhante em comparação com a cidade obscurecida. As estrelas chamavam-no, bem como a meia-lua afiada e minguante.

Tudo em Refaim ansiava pelo céu. Queria-o debaixo das asas, a passar-lhe pelo corpo escuro e emplumado, a acariciá-lo com o toque da mãe que ele nunca conhecera.

A asa boa abriu-se e expandiu-se mais do que o comprimento de um homem adulto ao lado dele. A outra estremeceu, e o ar da noite que Refaim inspirara saiu-lhe num gemido agonizante.

Quebrada! A palavra cortou-lhe a mente.

— Não. Não é certo. — Refaim falou em voz alta. Abanou a cabeça, a tentar dissipar o cansaço invulgar que o fazia sentir cada vez mais indefeso – cada vez mais estragado.

— Concentra-te! — Repreendeu-se ele. — É altura de encontrar o Pai. — Ainda não estava sarado, mas a mente de Refaim, embora cansada, estava mais lúcida do que desde a queda. Deveria poder detetar vestígios do pai. Por maior que fosse a distância ou o tempo que os separava, estavam ligados pelo sangue e o espírito e, especialmente, pela dádiva da imortalidade que era direito de primogenitura de Refaim.

Refaim olhou para o céu, a pensar nas correntes de ar a que estava tão habituado a navegar. Respirou fundo, levantou o braço ileso e abriu bem a mão, a tentar tocar nas correntes fugidias e nos vestígios de magia negra do Outro Mundo que lá pairavam.

— Traz-me alguma perceção dele! — Era uma súplica urgente para a noite.

Por momentos, acreditou ter sentido uma centelha de resposta, longínqua, longínqua, a oeste. E depois não sentiu mais do que cansaço.

queimada

— Porque é que não te posso sentir, Pai? — Frustrado e invulgarmente exausto, deixou a mão cair inerte ao lado do corpo.

Cansaço invulgar...

— Por todos os deuses! — Refaim subitamente apercebeu-se do que lhe esgotara as forças e o deixara como um invólucro partido de si mesmo. Sabia o que o impedia de sentir o caminho que o pai tomara.

— Ela fez isto. — A voz saiu-lhe dura. Os olhos coruscavam em carmesim.

Sim, ele estivera gravemente ferido mas, enquanto filho de um imortal, o seu corpo já deveria ter iniciado o processo de cura. Ele dormira – duas vezes desde que o Guerreiro o abatera em voo. A mente clareara. O sono deveria ter continuado a reavivá-lo. Mesmo que, como desconfiava, a asa estivesse permanentemente lesionada, o resto do corpo deveria estar visivelmente melhor. Os seus poderes deveriam ter voltado.

No entanto, a Vermelha bebera do sangue dele, *criara Impressão com ele* e, ao fazê-lo, perturbara o equilíbrio de poder imortal dentro dele.

A raiva surgiu para se aliar à frustração que ele já sentia.

Ela usara-o e depois abandonara-o.

Tal como o Pai.

— Não! — Corrigiu-se de imediato. O pai fora escorraçado pela Sumo-Sacerdotisa iniciada. Voltaria quando pudesse, e depois Refaim estaria à direita do pai outra vez. Fora a Vermelha quem o usara e o descartara.

Porque é que a simples ideia lhe causava uma dor assaz curiosa dentro dele? Sem ligar ao sentimento, ergueu o rosto para o céu conhecido. Ele não quisera aquela Impressão. Só a salvara porque lhe devia uma vida, e sabia muito bem que um dos verdadeiros perigos deste mundo, e do outro, era o poder de uma dívida por pagar.

Bem, ela salvara-o – encontrara-o, escondera-o, e depois libertara-o mas, no telhado do depósito, ele pagara a dívida quando a ajudara a fugir de morte certa. A dívida de vida que ele tivera estava agora saldada. Refaim era filho de um imortal, não era um humano fraco. Não duvidava de que conseguisse quebrar a Impressão – aquele efeito secundário ridículo de lhe ter salvado a vida. Usaria o que lhe restava de força para a expulsar, e depois começaria verdadeiramente a sarar.

Respirou a noite outra vez. Sem ligar à fraqueza do corpo, Refaim concentrou-se na sua força de vontade.

— Chamo o poder do espírito dos antigos imortais, o qual me pertence por direito de primogenitura, para quebrar...

A onda de desespero assolou-o e Refaim cambaleou contra o parapeito da varanda. A tristeza irradiou do seu corpo com tal força que o forçou a ajoelhar-se. Ali ficou, a ofegar com a dor e o choque.

O que me está a acontecer?

Em seguida, um medo estranho e ignoto invadiu-o, e Refaim começou a compreender.

— Estes sentimentos não são meus — disse de si para consigo, a tentar centrar-se dentro daquele torvelinho de desânimo. — Estes sentimentos são *dela*.

Refaim arquejou quando ao medo se seguiu a desesperança. Preparou-se para aquela investida contínua e tentou pôr-se de pé, lutar contra as ondas das emoções de Stevie Rae. Resolutamente, obrigou-se a concentrar-se no meio do ataque e do cansaço que o puxavam impiedosamente – para tocar o lugar de poder que permanecia fechado e dormente para a maioria da humanidade – o lugar para o qual o seu sangue tinha a chave.

Refaim começou outra vez a invocação. Desta feita, com intenções completamente distintas.

Mais tarde, ele diria a si mesmo que esta reação fora automática – que agira sob influência da Impressão dela; fora simplesmente mais posante do que ele esperara. Era a maldita Impressão a causa de ele acreditar que a maneira mais segura e rápida de terminar aquela terrível onda de emoções vindas da Vermelha seria atraí-la a ele e depois tirá-la do que quer que lhe causasse sofrimento.

Não podia ser por ele se preocupar com o sofrimento dela. Nunca poderia ser isso.

— Chamo o poder do espírito dos imortais antigos, o qual me pertence comandar por direito de primogenitura. — Refaim falava depressa. Sem ligar à dor que lhe fustigava o corpo, puxou energia até si das sombras mais fundas da noite, e depois canalizou esse poder, carregando-o de imortalidade. O ar em seu redor brilhou ao ficar manchado por uma radiância escarlate profunda.

— Pela vontade imortal de meu pai, Kalona, que eivou o meu sangue e o meu espírito de poder, mando-te à minha... — Aqui interrompeu-se. A sua? Ela não era *nada* sua. Ela era... ela era...

— Ela é a Vermelha! A Sumo-Sacerdotisa vampyra daqueles que estão perdidos — balbuciou finalmente. — Está ligada a mim por Impressão de sangue e dívida de vida. Vai até ela. Fortalece-a. Atrai-a a mim. Pela parte imortal do meu ser, assim to ordeno!

queimada

A bruma vermelha dispersou-se de imediato e voou para sul. Arrepiou caminho por onde ele viera. Para a encontrar.
Refaim virou-se para contemplar. E depois aguardou.



TERCEIRO CAPÍTULO

Stevie Rae

Stevie Rae acordou a sentir-se como um monte de cocó. Bem, na verdade, sentia-se como um montão de cocó stressado.

Criara Impressão com Refaim.

Quase ardera naquele telhado.

Por segundos, recordou-se daquele excelente episódio da segunda temporada de *Sangue Fresco*, quando Godric se deixa arder num telhado fictício. Stevie Rae soltou um risinho.

— Parecia muito mais fácil na televisão.

— O quê?

— Pelas barbas do profeta, Dallas! Quase me mataste de susto. —

Stevie Rae agarrou-se ao lençol que a tapava, branco como nos hospitais. — O que diabo estás aqui a fazer?

Dallas franziu o sobrolho.

— Caneco, acalma-te lá. Vim cá logo depois do pôr-do-sol para saber de ti, e a Lenóbia disse-me que não fazia mal cá ficar caso acordasses. Estás mesmo assustadiça.

— *Ia morrendo*. Acho que tenho o direito de estar assustadiça.

Dallas fez logo um ar arrependido. Arrastou a cadeirinha onde estava sentado para mais perto e pegou na mão de Stevie Rae.

— Desculpa. Tens razão. Desculpa. Fiquei mesmo assustado quando o Erik contou a toda a gente o que aconteceu.

— O que é que o Erik disse?

Os olhos castanhos e calorosos dele endureceram.

— Que quase foste consumida pelo fogo naquele telhado.

— Pois, foi uma estupidez. Tropecei e caí e bati com a cabeça. — Ste-

queimada

vie Rae não conseguiu fitá-lo enquanto falava. — Quando acordei, estava quase assada.

— Pois, tretas.

— O quê?

— Guarda essas balelas para o Erik e a Lenóbia e o resto. Aqueles sacanas tentaram matar-te, não foi?

— Dallas, não sei do que estás para aí a falar. — Ela tentou tirar a mão das dele, mas ele agarrou-a bem.

— Ouve. — A voz dele suavizou-se e ele tocou-lhe na face, fê-la olhar para ele outra vez. — Sou eu. Sabes que me podes contar a verdade que eu fico de bico calado.

Stevie Rae exalou demoradamente.

— Não quero que a Lenóbia nem nenhum deles saiba, especialmente os iniciados azuis.

Dallas olhou-a longamente antes de replicar.

— Não conto nada a ninguém, mas fica sabendo que acho que estás a fazer um erro crasso. Não podes continuar a protegê-los.

— Não estou a protegê-los! — Protestou ela. Desta vez agarrou-se à mão segura e quente de Dallas, a tentar que ele compreendesse pelo toque algo que ela nunca poderia explicar. — Só quero lidar com isto – tudo isto – à minha maneira. Se toda a gente souber que me tentaram prender lá em cima, perco o controlo de tudo. — *E se a Lenóbia apanhar a Nicole e o grupinho dela e eles lhe contarem de Refaim?* A ideia era um sussurro culpado que até lhe causou náuseas.

— O que vais fazer quanto a eles? Não podes deixá-los safarem-se com esta.

— Não deixo, mas são responsabilidade minha, e vou tratar deles sozinha.

Dallas sorriu.

— Vais dar-lhes uma abada, não vais?

— Qualquer coisa assim — anuiu Stevie Rae, embora não fizesse a mais pálida ideia de como iria proceder. Mudou apressadamente de assunto.

— Ouve, que horas são? Estou cheia de fome.

O sorriso de Dallas abriu-se numa gargalhada quando ele se levantou.

— Assim já pareces a minha miúda! — Deu-lhe um beijo na testa e virou-se para o minibar que estava encastrado nas bancadas metálicas.

— A Lenóbia disse-me que aqui há bolsas de sangue. Disse também

que, com a rapidez com que estás a sarar e o sono reparador que tens tido, devias acordar com fome.

Enquanto ele ia buscar bolsas de sangue, Stevie Rae sentou-se na cama e espreitou, hesitante, para dentro da bata de hospital, e fez caretas ao sentir-se muito rígida. Estava à espera do pior. As suas costas mais pareciam um hambúrguer na grelha quando Lenóbia e Erik a tinham puxado do buraco que ela abria na terra. A tinham puxado de Refaim.

Não penses nele agora. Concentra-te apenas em...

— Oh minha nossa senhora — sussurrou Stevie Rae quando olhou para o que conseguia ver das suas costas. Já não eram hambúrguer. Estavam lisas. Cor-de-rosa tenrinho, como se tivesse apanhado um escaldão, mas macias e com ar de novas, como pele de bebé.

— É espantoso — disse Dallas em voz baixa. — Um verdadeiro milagre.

Stevie Rae olhou para ele. Fitaram-se.

— Pregaste-me cá um susto, miúda — disse ele. — Não repitas, está bem?

— Farei o que puder — disse ela baixinho.

Dallas inclinou-se e, com todo o cuidado, só com as pontas dos dedos, tocou na carne cor-de-rosa da parte de trás do ombro.

— Ainda dói?

— Nem por isso. Só estou um bocadinho perra.

— Espantoso — repetiu ele. — Quer dizer, eu sei que a Lenóbia disse que estavas a sarar enquanto dormias, mas ficaste em muito mau estado, e eu não esperava nada como...

— Quanto tempo estive a dormir? — Interrompeu-o, a imaginar as consequências de Dallas lhe dizer que estivera apagada dias seguidos. *O que pensaria Refaim se ela não aparecesse? Pior – o que faria ele?*

— Foi só um dia.

O alívio foi como uma onda.

— Um dia? A sério?

— Pois, bem, o crepúsculo foi há duas horas, portanto, tecnicamente dormiste mais de um dia. Trouxeram-te para cá ontem depois de o Sol nascer. Foi um drama. O Erik conduziu o Hummer pelo recinto fora, a corta-mato, deitou abaixo uma vedação, e enfiou direitinho pelos estábulos da Lenóbia. Depois todos nos afadigámos que nem loucos para te trazer pela escola até à enfermaria.

— Pois, eu falei com a Z no Hummer a caminho, e estava a sentir-me praticamente bem, mas depois foi como se alguém me apagasse a luz. Acho que desmaiei.

queimada

— Eu sei que sim.

— Bem, é uma vergonha. — Stevie Rae permitiu-se sorrir. — Quem me dera ter visto esse drama todo.

— Pois — ele sorriu também — foi exatamente em que pensei, depois de deixar de pensar que ias morrer.

— Não vou morrer — disse ela com firmeza.

— Fico contente por ouvir isso. — Dallas curvou-se, tomou-lhe o queixo na mão e beijou-a ternamente nos lábios.

Com uma reação estranha e automática, Stevie Rae afastou-se dele.

— Hum, então que é dessa bolsa de sangue? — Perguntou ela depressa.

— Ah, pois. — Dallas não ligou à rejeição dela, mas estava involuntariamente corado quando lhe passou a bolsinha.

— Desculpa, foi sem pensar. Sei que estás magoada, que não te apetece, hum, tu sabes... — Calou-se, e ficou com um ar muito constrangido.

Stevie Rae sabia que devia dizer alguma coisa. Afinal, ela e Dallas sempre tinham qualquer *coisa*. Ele era querido e esperto, e provava que a compreendia ao estar ali, com ar contrito, e a baixar a cabeça de uma maneira que o fazia parecer um rapazinho. E era giro – alto e esguio, com músculos que chegassem e cabelo espesso cor de areia. Até gostava de o beijar. Ou costumava gostar.

E já não?

Uma sensação desconhecida de confrangimento impediu-a de encontrar as palavras que o fizessem sentir melhor, pelo que, em vez de falar, Stevie Rae tirou-lhe a bolsinha, abriu um canto, e emborcou-a. Deixou que o sangue lhe escorresse pela garganta abaixo e se expandisse como um mega *shot* de *Red Bull* do estômago a dar energia ao resto do corpo.

Não queria mas, algures dentro dela, Stevie Rae ponderava a diferença entre a sensação que aquele sangue normal, mortal, comum, lhe dava – e o sangue de Refaim que fora como um relâmpago de energia e calor.

A mão tremia-lhe um pouco quando limpou a boca e finalmente olhou para Dallas.

— Muito melhor? — Perguntou ele, já recomposto daquela estranha conversa e outra vez igual a si próprio.

— Posso beber mais uma?

Ele sorriu e estendeu-lhe outra bolsa.

— Já estou preparado, miúda.

— Obrigada, Dallas. — Ela parou antes de sorver a segunda bolsinha. — Não me sinto completamente a cem por cento agora, sabes?

Dallas assentiu. — Sei.

— Estamos bem?

— Estamos — respondeu ele. — Se tu estiveres bem, estaremos bem.

— Bom, isto ajuda. — Stevie Rae estava a emborcar a bolsinha quando Lenóbia entrou no quarto.

— Olá, Lenóbia — veja só a Bela Adormecida que finalmente acordou — disse Dallas.

Stevie Rae sorveu a última gotinha de sangue e virou-se para a porta, mas o sorriso de boas vindas que já afivelara morreu-lhe ao ver Lenóbia.

A Mestre de Equitação a chorar. Muito.

— Oh minha nossa senhora, o que foi? — Stevie Rae ficara tão abalada por ver a professora, habitualmente forte, em lágrimas que a primeira reação foi dar palmadinhas na cama a seu lado a convidar Lenóbia a sentar-se, como a sua mãezinha fazia quando ela se alejava e chegava a casa a choramingar.

Lenóbia deu vários passos rígidos para dentro do quarto. Não se sentou na cama de Stevie Rae. Ficou aos pés da cama e respirou fundo como que a preparar-se para algo terrível.

— Prefere que eu saia? — Perguntou Dallas, hesitante.

— Não. Fica, ela pode precisar de ti. — A voz de Lenóbia estava rouca e entaramelada das lágrimas. Fitou Stevie Rae.

— Foi a Zoey. Aconteceu uma coisa.

Um assomo de medo atingiu Stevie Rae no baixo-ventre, e as palavras saíram-lhe antes que as pudesse impedir.

— Ela está bem! Eu falei com ela, lembra-se? Quando vínhamos a sair do depósito, antes daquela luz do sol toda e dor e tudo me dominarem, e eu desmaiar. Foi ainda ontem.

— Erce, a minha amiga que faz de assistente ao Alto Conselho, estava a tentar contactar-me há horas. Estupidamente, deixei o telemóvel no Hummer, e só agora falei com ela. Kalona matou Heath.

— Merda! — Exclamou Dallas.

Stevie Rae não lhe ligou e fixou Lenóbia. *O pai de Refaim matara Heath!* O medo doentio nas entranhas piorava a cada segundo.

— A Zoey não morreu. Eu saberia se ela tivesse morrido.

— A Zoey não morreu, mas viu Kalona matar Heath. Tentou impedir-lo mas não conseguiu. Ela ficou destroçada, Stevie Rae. — As lágrimas tinham começado a correr pelas faces de porcelana de Lenóbia.

— Destroçada? O que significa isso?

queimada

— Significa que o corpo dela ainda respira, mas que a alma dela se estilhaçou. Quando acontece isso à alma de uma Sumo-Sacerdotisa, é uma questão de tempo até que o corpo dela se vá deste mundo também.

— Se vá? Não sei do que está a falar. Está a tentar dizer-me que ela vai desaparecer?

— Não — respondeu Lenóbia em voz entrecortada. — Que ela vai morrer.

A cabeça de Stevie Rae começara a abanar de um lado para o outro, de um lado para o outro.

— Não. Não. Não! Só temos de a trazer para cá. Depois ela fica bem.

— Mesmo que o corpo dela volte para cá, a Zoey não volta, Stevie Rae. Tens de te preparar para isso.

— Não quero! — Gritou Stevie Rae. — Não posso! Dallas, dá-me as calças e as coisas. Tenho de sair daqui. Tenho de arranjar maneira de ajudar a Z. Ela não desistiu de mim, e eu não vou desistir dela.

— Isto não se trata de ti. — Era o Dragão Lankford à porta da enfermaria. O seu rosto forte estava encovado e macilento com a novidade da perda da sua companheira, mas a voz saía-lhe calma e segura. — Trata-se do facto de a Zoey ter enfrentado um desgosto que não consegue suportar. E eu sei algo sobre o desgosto. Quando estilhaça uma alma, o caminho de regresso ao corpo fica cortado, e sem o espírito, os nossos corpos morrem.

— Não, por favor. Não pode ser assim. Isto não pode estar a acontecer — disse Stevie Rae.

— Tu és a primeira Sumo-Sacerdotisa vampyra vermelha. Tens de encontrar a força para aceitar esta perda. A tua gente vai precisar de ti — disse o Dragão.

— Não sabemos para onde fugiu Kalona nem sabemos o papel que a Neferet terá tido nisto — disse Lenóbia.

— Sabemos, sim, que a morte da Zoey seria uma excelente ocasião de nos atacarem outra vez — acrescentou o Dragão.

A morte da Zoey... As palavras ecoaram na mente de Stevie Rae e deixaram um rasto de choque e medo e desespero.

— Os teus poderes são vastos. A rapidez da tua recuperação só vem prová-lo — disse Lenóbia. — E iremos precisar de todo o poder que pudermos manejar para fazer face à escuridão que estou certa irá abater-se sobre nós.

— Domina o teu desgosto — disse o Dragão — e assume o cetro da Zoey.

— Ninguém pode ser a Zoey! — Exclamou Stevie Rae.

— Não te pedimos que sejas a Zoey. Só te pedimos que nos ajudes a preencher o vazio que ela deixa — esclareceu Lenóbia.

— Tenho... Tenho de pensar — disse Stevie Rae. — Não se importam de me deixar sozinha, minha gente? Quero vestir-me e refletir.

— Com certeza — disse Lenóbia. — Estaremos na Sala do Conselho. Vai lá ter connosco quando estiveres pronta. — Lenóbia e o Dragão saíram do quarto, desgostosos mas resolutos.

— Ouve, tu estás bem? — Perguntou Dallas, e aproximou-se de Stevie Rae para lhe pegar na mão.

Ela só o deixou tocar-lhe um momento, apertou e depois largou-lhe a mão.

— Preciso da roupa.

— Encontrei-a naquele armário. — Dallas apontou com a cabeça para os cacifos do outro lado do quarto.

— Ótimo, obrigada — disse Stevie Rae depressa. — Tens de sair para eu me vestir.

— Não respondeste ao que te perguntei — insistiu ele, a observá-la.

— Não. Não estou nada bem, e não vou estar enquanto andarem a dizer que a Zoey morreu.

— Mas, Stevie Rae, até eu ouvi o que acontece quando a alma de uma pessoa lhe sai do corpo – a pessoa morre — disse ele, obviamente a tentar que aquelas palavras duras soassem mais gentis.

— Desta vez, não — contrapôs Stevie Rae. — Sai lá para eu me poder vestir.

Dallas suspirou.

— Estarei lá fora.

— Ótimo. Não demoro nada.

— Demora o que quiseres, miúda — disse Dallas baixinho. — Não me importo de esperar.

Porém, e assim que a porta se fechou, Stevie Rae não saltou da cama nem se começou a vestir como dissera. Antes pelo contrário, estava ocupada a folhear mentalmente o Manual do Iniciado e a parar numa história supertriste sobre uma antiga Sumo-Sacerdotisa de alma estilhaçada. Stevie Rae não se lembrava do que destroçara a alma da sacerdotisa – nem se lembrava de quase nada da história – tirando que a Sumo-Sacerdotisa morrerá. Por mais que tentassem fazer-lhe coisas – a Sumo-Sacerdotisa morrerá.

— A Sumo-Sacerdotisa morreu — sussurrou Stevie Rae. E a Zoey nem sequer era uma verdadeira Sumo-Sacerdotisa adulta. Tecnicamente,

queimada

ainda era iniciada. Como é que se poderia esperar que ela encontrasse o caminho de um sítio que matara uma Sumo-Sacerdotisa adulta?

A verdade era que não se podia.

Não era justo! Tinham todos passado por tantas provações, e agora a Zoey morria, assim? Stevie Rae não queria acreditar. Queria lutar e gritar e arranjar maneira de consertar a sua Melhor Amiga, mas como? A Z estava em Itália e ela em Tulsa. E, raios partam! Stevie Rae não sabia como consertar um monte de iniciados vermelhos armados em parvos. Quem era ela para pensar que poderia fazer alguma coisa quanto a algo terrível como a alma de Zoey estilhaçar-se do corpo?

Ela nem sequer podia contar a verdade sobre a Impressão que criara com o filho da criatura que causara aquela coisa pavorosa.

A tristeza assolou Stevie Rae. Soçobrou, agarrada à almofada e, a enrolar um caracol louro num dedo como fazia quando era pequena, começou a chorar. Os soluços abalaram-na, entregaram-na ao choque, ao medo e a um desespero completo e esmagador.

Quando estava mesmo a perder-se, o ar em seu redor mexeu-se. Quase como se alguém tivesse aberto a janela do quartinho.

A princípio, não ligou, demasiado perdida nas lágrimas para se ralar com uma estúpida brisa fresca, mas esta insistia. Tocava na pele fresca e tenra exposta nas costas dela com uma carícia fria surpreendentemente agradável. Por momentos, descontraíu-se, deixou-se absorver o conforto daquele toque.

Toque? Ela dissera-lhe que esperasse lá fora!

Stevie Rae esticou o pescoço. Tinha os dentes arreganhados, prontos a assustar Dallas.

Não havia ninguém no quarto.

Estava sozinha. Absolutamente sozinha.

Stevie Rae deixou cair a cara nas mãos. O choque estaria a dar com ela em doidinha? Não tinha tempo para doidices. Tinha de se levantar e vestir. Tinha de pôr um pé à frente do outro e sair e lidar com a verdade do que acontecera a Zoey, e os seus iniciados vermelhos, e Kalona e, por fim, Refaim.

Refaim...

O nome dele ecoou no ar, outra carícia fria na pele, a envolvê-la. Não só a tocar-lhe nas costas mas também a percorrer os braços, a rodear a cintura e a descer pelas pernas. E onde quer que a frescura tocasse, era como se lavasse um bocadinho do desgosto. Desta vez, quando ergueu a cabeça, estava mais controlada nas suas reações. Limpou os olhos e olhou para o seu corpo.

A bruma que a rodeara era feita de gotinhas cintilantes da mesmíssima cor que ela lhe via nos olhos.

— Refaim. — Contra vontade, Stevie Rae sussurrou o nome dele.

Ele chama-te...

— O que raio se passa aqui? — Resmungou Stevie Rae, a raiva a sobrepor-se ao desespero. *Vai até ele...*

— Vou até ele? — Perguntou ela, sentindo-se incrivelmente zangada. — Foi o pai dele o causador disto.

Vai até ele...

Stevie Rae deixou que a maré de carícias frias e raiva vermelha tomasse a decisão por ela, e vestiu-se. Iria ter com Refaim, mas somente porque ele poderia saber algo que ela pudesse usar para ajudar Zoey. Ele era filho de um imortal perigoso e poderoso. Obviamente, tinha capacidades que ela desconhecia. A coisa vermelha que flutuava em volta dela viera decididamente dele, e devia ser feita de uma espécie de espírito.

— Pronto — disse ela em voz alta para a bruma. — Eu vou até ele.

Assim que disse as palavras em voz alta, a névoa vermelha evaporou-se e deixou apenas uma frescura duradoura na pele e uma sensação de calma estranha e sobrenatural.

Vou até ele, e se ele não me puder ajudar, parece-me que – com ou sem Impressão – terei de o matar.

queimada



QUARTO CAPÍTULO

Afrodite

A sério, Erce, só vou dizer isto mais uma vez. Não me interessam as suas estúpidas normas. A Zoey está lá dentro. — Afrodite calou-se e apontou com uma unha bem tratada para a porta de pedra fechada. — E isso significa que *eu vou lá para dentro*.

— A Afrodite é humana – nem sequer é consorte de um vampyro. Não pode simplesmente irromper pela Sala do Alto Conselho com toda a sua histeria jovem e mortal, especialmente numa altura de crise como esta. — O olhar frio da vampyra abarcou o cabelo despen-teado, a cara lavada em lágrimas, e os olhos vermelhos de Afrodite. — O Conselho irá convidá-la a entrar. Provavelmente. Até lá, terá de aguardar.

— Eu não sou histérica. — Afrodite enunciou as palavras devagar, distintamente, e com uma calma forçada, tentando compensar o facto de a razão para ela ter ficado de fora da Sala do Alto Conselho, quando Stark, seguido de Dário, Damien, as Gémeas e até Jack, levaram o corpo inerte de Zoey lá para dentro, se dever inteiramente ao que Erce lhe chamara – humana histérica. Ela não conseguira aguentar-se como os outros, pois chorara tanto que o ranho e as lágrimas a impediram de fazer muito mais do que respirar e ver. Quando conseguira dominar-se, a porta fechara-se-lhe na cara, e Erce armara-se numa maldita porteira.

Porém, Erce estava muitíssimo enganada se pensava que Afrodite não sabia como lidar com uma adulta mandona e empertigada. Ela fora criada por uma mulher que fazia com que Erce parecesse a Parva da Mary Poppins.

— Então a Erce acha que eu não passo de uma miúda humana? — Afrodite invadiu o espaço pessoal da vampyra, e Erce deu logo um passo atrás.

— Pense bem. Sou profetisa de Nyx. Lembra-se dela? Nyx – *a sua Deusa que manda em si*. Não preciso de ser frigorífico de gajo nenhum para poder ir ao Alto Conselho. Foi a própria Nyx quem me deu esse direito. Agora saia-me do caminho!

— Embora ela pudesse ter sido mais educada, a criança tem razão, Erce. Deixa-a passar. Eu assumo a responsabilidade pela presença dela se o Conselho censurar.

Afrodite sentiu os pelinhos dos braços arrepiarem-se quando a voz suave de Neferet lhe chegou.

— Não é habitual — disse Erce, mas a sua capitulação já era óbvia.

— Também não é habitual que a alma de uma iniciada fique estilhaçada — disse Neferet.

— Tenho de concordar contigo, sacerdotisa. — Erce desviou-se e abriu a grossa porta de pedra.

— E agora és responsável por esta presença humana na Sala.

— Obrigada, Erce, é gracioso da tua parte. Ah, e tenho alguns Guerreiros do Conselho que virão entregar algo aqui. Não te esqueças de os deixar entrar, sim?

Afrodite nem sequer olhou para trás quando Erce murmurou, previsivelmente:

— Com certeza, sacerdotisa.

Limitou-se a entrar no edifício antigo.

— Não é bizarro que voltemos a ser aliadas, filha? — A voz de Neferet seguia-a de perto.

— Nunca seremos aliadas, e não sou sua filha — retrucou Afrodite, sem olhar para ela nem abrandar. O átrio dava para um enorme anfiteatro de pedra que se espalhava em seu redor em filas circulares. Os olhos de Afrodite foram atraídos de imediato pelos vitrais diretamente diante dela que mostravam Nyx, emoldurada por um pentagrama brilhante, os braços graciosamente erguidos a susterm uma meia-lua.

— É belíssimo, não é? — A voz de Neferet era descontraída e conversadora. — Os vampyros sempre foram responsáveis pela criação das maiores obras de arte do mundo inteiro.

Afrodite ainda se recusava a olhar para a sua ex-Sumo-Sacerdotisa. Antes pelo contrário, encolheu os ombros.

— Os vampes têm dinheiro. O dinheiro compra coisas bonitas, sejam feitas por humanos ou não. E você não tem a certeza de que tenham

queimada

sido vampes a fazer aquele vitral. Quer dizer, é velho, mas não é assim *tão* velho. — Afrodite tentou ignorar a gargalhada suave e condescendente de Neferet e olhou para o centro da sala. A princípio não compreendeu o que via, mas quando assimilou, foi como se lhe tivessem dado um murro no estômago.

Havia sete tronos de mármore esculpido numa enorme plataforma elevada que constituía o soalho interior da sala. Havia vampyras sentadas nos tronos, mas não eram elas quem atraía o olhar de Afrodite. Não conseguia deixar de contemplar Zoey, deitada numa laje em frente aos tronos como um cadáver estendido numa pira funerária. E depois Stark. Estava ajoelhado ao lado de Zoey. Num ângulo que permitia a Afrodite ver-lhe a cara. Não emitia som algum, mas as lágrimas corriam-lhe livremente pelas faces e ensopavam-lhe a camisa. Dário estava a seu lado, e dizia algo que ela não conseguia ouvir à morena sentada no primeiro trono, cujo cabelo espesso já estava grisalho. Damien, Jack e as Gémeas estavam juntinhos, um rebanho típico, numa fila próxima. Também choravam baba e ranho, mas as lágrimas ruidosas eram diferentes do desgosto silencioso de Stark como um oceano de um regato gorgolejante.

Afrodite começou a avançar, mas Neferet agarrou-lhe no pulso. E foi isso que a fez virar-se finalmente para a sua antiga mentora.

— É melhor largar-me — disse ela baixinho.

Neferet ergueu uma sobrancelha.

— Aprendeste finalmente a enfrentar uma figura materna?

Afrodite deixou que a raiva fervilhasse em silêncio dentro dela.

— Você não é figura materna de ninguém. Aprendi a enfrentar cabras há muito tempo.

Neferet franziu o sobrolho e largou-lhe o pulso.

— Nunca gostei da tua linguagem rude.

— Eu não sou *rude*; sou *verdadeira*. Duas coisas bem diferentes. E você acha que eu dou um caracol furado pelo que gosta ou não gosta? — Neferet preparou-se para retrucar, mas Afrodite interrompeu-a. — E o que diabo está aqui a fazer?

Neferet pestanejou, surpreendida.

— Estou aqui porque há uma iniciada ferida.

— Oh, isso é cá uma trampa! Só está aqui porque há de conseguir o que quer de alguma maneira. É assim que você age, Neferet, quer elas saibam, quer não. — Afrodite apontou com o queixo para os elementos do Alto Conselho.

— Tem cuidado, Afrodite. Ainda poderás precisar de mim num futuro próximo.

Afrodite sustentou o olhar de Neferet e sentiu-se chocada ao ver que os olhos que a fitavam tinham mudado. Já não eram verde-esmeralda brilhantes. Tinham escurecido. *Seria vermelho o que coruscava no meio?* Assim que a ideia ocorreu a Afrodite, Neferet pestanejou. Os olhos voltaram à cor de pedras preciosas caras.

Afrodite respirou fundo algo trémula, e os pelinhos dos braços arrepiaram-se outra vez, mas a voz saiu-lhe neutra e sarcástica quando disse:

— Não faz mal. Hei de arriscar-me sem a sua “ajuda”. — E fez aspas com os dedos na última palavra.

— Neferet, o Alto Conselho reconhece-te!

Neferet virou-se para o Conselho mas, antes de descer a escada até eles, parou e fez um gesto gracioso a indicar Afrodite.

— Peço que o Conselho permita a presença desta humana. Chama-se Afrodite, a criança que alega ser Profetisa de Nyx.

Afrodite contornou Neferet e encarou firmemente cada um dos elementos do Conselho.

— Não *alego* ser profetisa. Sou Profetisa de Nyx porque a Deusa quer que eu seja. A verdade é que, se tivesse escolha, não quereria a missão. — Continuou a falar embora vários dos elementos do Conselho tivessem ficado boquiabertos com o choque. — Ah, e para vossa informação, não lhes estou a contar nada que Nyx já não saiba.

— A Deusa tem fé em Afrodite, embora esta não esteja assim tão segura de si mesma — disse Dário.

Afrodite sorriu-lhe. Ele era mais do que o seu Guerreiro grande e jeitoso. Ela podia contar com Dário, ele via sempre o melhor nela.

— Dário, porque falas por esta humana? — Perguntou a morena.

— Duantia, falo por esta *Profetisa* — ele enunciou o título dela com cuidado — porque lhe prestei juramento de Guerreiro.

— Guerreiro dela? — Neferet não soube esconder o choque na voz. — Mas isso significa...

— Significa que não posso ser completamente humana porque é impossível a um Guerreiro vampyro prestar juramento a uma humana — rematou Afrodite.

— Podes entrar na sala, Afrodite, Profetisa de Nyx. O Conselho reconhece-te — proclamou Duantia.

Afrodite correu escada abaixo e deixou Neferet para trás. Queria ir direito a Zoey, mas o instinto fê-la parar diante da morena chamada Duantia primeiro. Levou formalmente o punho cerrado ao coração e fez uma vénia respeitosa.

queimada

— Obrigada por me deixar entrar.

— Estes tempos extraordinários impelem-nos a aceitar práticas invulgares. — Era uma vampyra alta e magra com olhos da cor da noite.

Afrodite não sabia bem o que responder à vampe, limitou-se a assentir e dirigiu-se ao corpo de Zoey. Meteu a mão na de Dário e apertou com força, a tentar assimilar alguma da força espantosa do Guerreiro. Depois olhou para a amiga.

Ela não tinha imaginado coisas. As tatuagens de Zoey tinham realmente desaparecido! A única Marca que ficara era o contorno comum da meia-lua cor de safira no meio da testa. E estava tão pálida! A Zoey parece morta. Afrodite cortou imediatamente esse pensamento. A Zoey não estava morta. Ainda respirava. O coração ainda batia. A Zoey Não Estava Morta.

— A Deusa revela-te algo quando olhas para ela, Profetisa? — Perguntou a mulher alta e magra que falara com ela antes.

Afrodite largou a mão de Dário e ajoelhou-se devagar ao lado de Zoey. Olhou para Stark, ajoelhado diretamente à sua frente, do outro lado da Z, sem se mexer. Mal pestanejava. Só chorava em silêncio e olhava para a Zoey. *É assim que o Dário fica se me acontecer alguma coisa?* Afrodite sacudiu este pensamento mórbido e concentrou-se em Zoey. Devagar, estendeu a mão e pousou-a no ombro da amiga.

A pele estava fria ao toque, como se já estivesse morta. Afrodite esperou que acontecesse alguma coisa, mas não teve o mais leve vislumbre de uma visão ou sensação ou coisa alguma.

Com um suspiro frustrado, Afrodite abanou a cabeça.

— Não. Não sei dizer nada. Não controlo as minhas visões. Acontecem-me, quer eu queira, quer não, e a verdade é que geralmente não quero.

— Não estás a usar todos os dons que a Deusa te deu, Profetisa.

Admirada, Afrodite olhou para a vampyra de olhos escuros que se levantara e se aproximava graciosamente.

— És uma verdadeira Profetisa de Nyx, não és? — Perguntou ela.

— Sou, sim — Afrodite respondeu sem hesitar, mas tão confusa quanto convicta.

Num roçar de roupagens de seda da cor do céu noturno, a mulher ajoelhou-se ao lado de Afrodite.

— Sou Tanatos. Sabes o que significa o meu nome?

Afrodite abanou a cabeça, desejando que Damien estivesse sentado mais perto para ela copiar a resposta.

— Significa morte. Não sou líder do Conselho. A Duantia é quem tem essa honra, mas eu tenho o privilégio único de estar involuntariamente próxima da nossa Deusa, pois o dom que ela há muito me concedeu é a capacidade de ajudar as almas a transitarem deste mundo para o outro.

— Sabe falar com fantasmas?

O sorriso de Tanatos transformou-lhe o rosto severo e quase a fez parecer bonita.

— De certo modo, sim. E por causa desse dom, sei alguma coisa de visões.

— A sério? As visões não se parecem nada com falar com fantasmas.

— Deveras? De que mundo vêm as tuas visões? Não, talvez seja mais exato perguntar, em que mundo estás quando recebes visões?

Afrodite pensou na quantidade de visões de morte que já tivera e como começara realmente a ver as merdas que aconteciam dos pontos de vista dos *mortos*. Respirou fundo rapidamente e, numa rajada de compreensão, admitiu:

— Recebo visões do Outro Mundo!

Tanatos assentiu.

— A tua interação com o Outro Mundo e o reino dos espíritos é muito maior do que a minha, Profetisa. Eu limito-me a orientar os mortos na transição, e através deles vislumbro o Além.

Afrodite olhou apressadamente para Zoey.

— Ela *não* está morta.

— Não, ainda não. Mas o corpo não dura mais de sete dias neste estado sem alma, pelo que ela está à beira da morte. Próxima o bastante para o Outro Mundo ter um alcance forte, ainda mais forte do que tem aos mortos recentes. Desta vez, concentra-te e usa mais dos dons que te deram.

— Mas eu...

Tanatos interrompeu-a, irritante.

— Profetisa, faz o que Nyx desejaria que fizesses.

— Não sei o quê!

A expressão severa de Tanatos descontraíu-se e ela tornou a sorrir.

— Oh, filha, pede-lhe simplesmente ajuda.

Afrodite pestanejou.

— Assim tão simples?

— Sim, Profetisa, assim tão simples.

Devagar, Afrodite voltou a pôr a mão no ombro frio de Zoey. Desta

queimada

vez, fechou os olhos e respirou fundo três vezes, como vira Zoey fazer antes de invocar um círculo. Depois fez uma oração silenciosa mas fervorosa a Nyx: *Não pediria se não fosse importante, mas tu já sabes isso porque sabes que não gosto de pedir favores. A ninguém. Aliás, sou péssima nesta treta das súplicas, mas também já sabes disso.* Afrodite suspirou por dentro. *Nyx, preciso da tua ajuda. Tanatos parece acreditar que eu tenho ligação ao Outro Mundo. Se assim for, não te importas de me dizer o que se passa com a Zoey?* Parou a oração silenciosa, suspirou, e desnudou-se perante Nyx. *Deusa, por favor. E não só porque a Zoey é a irmã que a minha mãe foi egoísta de mais para me dar. Preciso da tua ajuda nisto porque há muita gente a depender da Zoey e, tristemente, isso é mais importante do que eu.*

Afrodite sentiu um calorzinho debaixo da palma da mão e depois foi como se saísse do seu próprio corpo e entrasse no da Zoey. Só esteve dentro da sua amiga um momento – não mais do que um batimento cardíaco – mas o que sentiu e viu e *soube* chocou-a tanto que, no instante seguinte, encontrou-se regressada ao seu próprio corpo. Levou a mão que estivera no ombro de Zoey ao peito, a ofegar de medo. Em seguida, com um gemido, dobrou-se para a frente com a vertigem, a arquejar enquanto as lágrimas e a saliva lhe saíam de supetão.

— O que foi, Profetisa? O que viste? — Perguntou Tanatos calmamente, enquanto limpava as faces de Afrodite e a segurava com uma mão forte na cintura.

— Ela foi-se! — Afrodite reprimiu o choro e começou a recompor-se. — Eu senti o que lhe aconteceu. Apenas um segundo. A Zoey atirou todo o poder do espírito contra Kalona. Tentou impedi-lo com tudo o que tinha dentro dela, e não resultou. O Heath morreu diante dela. Foi o que a destroçou. — Afrodite sentia-se estranhamente zozona e olhou desesperançada para Tanatos.

— Também sabe onde ela está, não sabe?

— Creio que sei, mas deves confirmá-lo tu.

— Os pedaços do espírito dela estão com os mortos no Outro Mundo — disse Afrodite, a pestanejar contra o ardor nos olhos já raiados de vermelho. — A Zoey foi-se completamente. O que aconteceu ali, ela não pôde aguentar – ainda não pode.

— Não viste mais nada? Nada que possa ajudar a Zoey?

Afrodite engoliu a bÍlis que a ameaçava e levantou uma mão trémula.

— Não, mas vou tentar outra vez e...

O toque de Dário no próprio ombro impediu-a de tocar em Zoey.

— Não. Ainda estás muito fraca da Impressão que se quebrou entre ti e a Stevie Rae.

— Não importa, a Zoey está a morrer!

— Importa. Queres que a tua alma fique como a da Zoey? — Perguntou Tanatos calmamente.

Afrodite sentiu um terror novo.

— Não — sussurrou, e cobriu a mão de Dário com a sua.

— E esta é exatamente a razão porque é uma infelicidade, por vezes, que os jovens recebam grandes dons da nossa amada Deusa. Raramente têm maturidade para os saber usar com sapiência — observou Neferet.

Ao ouvir a voz fria e condescendente de Neferet, Afrodite viu o corpo de Stark sacudir-se, e ele deixou finalmente de contemplar Zoey.

— Esta *criatura* não devia poder entrar aqui! Foi ela quem fez isto! Ela matou o Heath e destroçou a Zoey! — Parecia que Stark tinha de ri-lhar as palavras antes de as proferir.

Neferet lançou-lhe um olhar gelado.

— Compreendo que não estejas bem, mas não podes ter permissão para falar com um Sumo-Sacerdotisa desse modo, Guerreiro.

Stark pôs-se de pé. Dário, sempre rápido como um relâmpago, agarrou-o. Afrodite ouviu-o sussurrar com urgência:

— Pensa antes de agires, Stark!

— Guerreiro — era Duantia a dirigir-se a Stark — estavas presente quando o rapaz humano foi assassinado, e a alma da Zoey se estilhaçou. Testemunhaste perante nós que foi o imortal alado quem o fez. Nada disseste sobre Neferet.

— Pergunte a qualquer amigo da Zoey. Ligue para a Lenóbia e o Dragão Lankford na Casa da Noite em Tulsa. Todos lhe dirão que a Neferet não precisa de estar fisicamente presente para causar a morte de alguém — declarou Stark. Sacudiu a mão com que Dário o prendia e limpou o rosto com um gesto zangado, como se só então se apercebesse de que chorava.

— Ela... Ela pode fazer coisas horrendas acontecerem mesmo quando não está presente — Damien falou com hesitação da outra ponta da sala. As Gémeas e Jack assentiram vigorosa e lacrimosamente em concordância.

— Não há provas de que Neferet tenha tido parte nisto — disse Duantia amavelmente a todos eles.

— Não sabe dizer o que aconteceu ao Heath? Não pode perguntar ao fantasma dele e descobrir? — Perguntou Afrodite a Tanatos, a qual voltara ao seu trono quando Neferet começara a falar.

queimada

— O espírito desse humano não se demorou neste mundo e, antes de partir, não me procurou — explicou Tanatos.

— Onde está Kalona? — Stark ignorou todos os outros e gritou para Neferet.

— Onde é que escondeu o seu amante, o causador disto tudo?

— Se te referes ao meu consorte imortal, Erebus, foi exatamente por isso que me vim dirigir ao Conselho. — Neferet virou costas a Stark e falou apenas para os sete elementos.

— Também eu senti a alma de Zoey estilhaçar-se. Estivera a percorrer o labirinto e a preparar-me mentalmente para partir da Ilha de São Clemente durante, possivelmente, muito tempo.

Neferet teve de parar de falar porque Stark resfolegou sarcasticamente e disse:

— Você e Kalona tencionam dominar o mundo a partir de Capri. Portanto, não, você não deve voltar cá num futuro mais próximo, a não ser que queira bombardear o sítio.

Dário tocou-lhe outra vez no ombro, num aviso mudo para ter cuidado, mas Stark sacudiu-o.

— Não nego que eu e Erebus pretendemos recuperar os costumes antigos, quando os vampyros governavam o mundo em Capri, e o mundo nos venerava e respeitava, como merecemos — Neferet começou por dirigir-se a ele. — Mas não destruirei esta ilha nem este Conselho. Na verdade, almejo o seu apoio.

— Quer dizer o seu *poder*, e agora que a Zoey saiu do caminho, tem melhores hipóteses de o conseguir — disse Stark.

— Deveras? Terei compreendido mal o que se passou entre a tua Zoey e o meu Erebus ao princípio do dia aqui nesta mesma Sala do Conselho? Ela admitiu que ele era um imortal em busca de uma deusa a quem servir.

— Ela nunca lhe chamou Erebus! — Exclamou Stark.

— E o meu imortal Erebus chamou-lhe amavelmente falível em vez de mentirosa — continuou Neferet.

— E que fez a Neferet? Obrigou-o a matar o Heath e a estilhaçar a alma da Zoey porque tinha ciúmes do vínculo entre eles? — Indagou Stark, embora fosse óbvio para Afrodite o quanto lhe custava admitir que havia esse vínculo entre Zoey e Kalona.

— Com certeza que não! Usa a cabeça e não o teu patético coração partido, Guerreiro! Teria a Zoey podido obrigar-te a matares um inocente a mando dela? Claro que não. Tu és o Guerreiro dela, mas ainda tens livre arbítrio, e ainda estás ligado a Nyx, pelo que deves, em, derradeira

instância, cumprir a vontade da Deusa. — Sem deixar Stark falar, Neferet virou-se para o Conselho. — Como eu estava a explicar, senti a alma da Zoey estilhaçar-se e estava a voltar ao palácio quando deparei com Erebus. Estava gravemente ferido e quase inconsciente. Só teve tempo de dizer estas palavras: “Eu estava a proteger a minha Deusa”, e depois foi-se.

— Kalona morreu? — Afrodite não pôde deixar de perguntar.

Em vez de lhe responder, Neferet olhou para a entrada da Sala. Ali de pé estavam quatro Guerreiros do Conselho com uma liteira pesada. Uma asa negra tombava de lado e arrastava pelo chão.

— Tragam-no! — Ordenou Neferet.

Devagar, desceram as escadas até deporem a liteira no chão em frente à plataforma. Stark e Dário mexeram-se ato contínuo para ficarem entre o corpo de Zoey e o de Kalona.

— Claro que não está morto. Ele é Erebus, imortal — começou Neferet na sua conhecida voz altiva, mas depois soçobrou, e disse muito trémula:

— Não morreu mas, como todos podem ver, *foi-se!*

Quase como se não se conseguisse controlar, Afrodite pôs-se de pé e acercou-se de Kalona. Dário ladeou-a num instante.

— Não. Não lhe toques — avisou ele.

— Quer lhe chamemos Erebus, quer não, é óbvio que este ser é um imortal antigo. Devido ao poder do seu sangue, a Profetisa não poderá entrar no corpo dele, mesmo que o seu espírito não esteja presente. Ele não representa o mesmo perigo para ela que a Zoey — disse Tanatos.

— Estou bem. Deixa-me ver o que consigo descobrir — disse ela a Dário.

— Estou aqui a teu lado. Não te vou soltar — disse ele, pegou-lhe na mão e acompanhou-a até Kalona.

Afrodite podia sentir a tensão que irradiava do corpo do seu Guerreiro, mas respirou fundo mais três vezes e concentrou-se em Kalona. Hesitou apenas um instante, estendeu a mão e colocou-a no ombro dele, tal como fizera com Zoey. A pele dele estava tão fria que ela teve de reprimir a vontade de tirar a mão. Em contrapartida, Afrodite fechou os olhos. *Nyx? Mais uma vez, por favor. Diz-me qualquer coisa... Qualquer coisa que nos ajude a todos.* Depois a oração silenciosa de Afrodite terminou com o pensamento que consolidava o seu vínculo à Deusa e fazia dela finalmente sua Profetisa de pleno direito. *Usa-me como instrumento para ajudar a combater a escuridão e a seguir o teu caminho.*

A palma da mão começou a aquecer, mas Afrodite não precisou de entrar dentro dele para confirmar que Kalona se fora. A Escuridão dis-

queimada

se-lho – e, com um abalo, apercebeu-se que devia pensar nela com E maiúsculo. Era uma coisa de moto próprio – uma entidade vasta e poderosa e viva. Estava em toda a parte. Envolveria o imortal de corpo inteiro. Afrodite teve uma imagem muito clara de uma teia negra como pez, como que tecida por uma aranha inchada e invisível. Os fios negros pegajosos rodeavam-lhe o corpo todo – prendiam-no – acariciavam-no – retinham-no bem, como numa versão distorcida de custódia, pois era evidente que o corpo do imortal estava encarcerado – assim como era óbvio o facto de dentro do corpo dele haver um vácuo completo.

Afrodite ofegou e retirou a mão apressadamente, esfregou-a na coxa como se a teia negra também a tivesse manchado. E encostou-se a Dário quando os joelhos lhe cederam.

— É tal como dentro da Zoey — disse ela, quando o Guerreiro lhe pegou ao colo, omitindo de propósito que o corpo de Kalona estava refém. — Ele também já cá não está.



QUINTO CAPÍTULO

Zoey

Zo, tens de acordar. Por favor! Acorda e fala comigo. A voz do rapaz era agradável. Soube que ele era giro ainda antes de abrir os olhos. Depois abri mesmo e sorri para ele porque tinha realmente razão. Ele era, como diria a minha Melhor Amiga para Sempre, a Kayla, “perdido de bom coberto de molho fabuloso”. Bem, nham! Embora ainda tivesse a cabeça zonza, sentia-me quentinha e contentinha. Abri mais o sorriso.

— Estou acordada. Quem és tu?

— Zoey, deixa-te de brincadeiras. Não tem graça.

O miúdo franzia-me o sobrolho, e apercebi-me de súbito que estava deitada ao colo dele. Sentei-me logo e afastei-me um bocadinho. Quer dizer, pois, ele era supergiro e tal, mas estar ao colo de um estranho fazia-me mesmo sentir pouco à vontade.

— Hum, não estou a tentar ter graça.

A cara gira dele ficou muito quieta e chocada.

— Zo, estás a dizer-me que não sabes mesmo quem eu sou?

— Pronto, ouve. Sabes que eu não sei quem és. Embora eu saiba que parece que tu me conheces. — Calei-me, confusa com tanto verbo.

— Zoey, e sabes quem tu és?

Pestanejei.

— Que pergunta tola. Claro que sei quem sou. Sou a Zoey. — Ainda bem que o miúdo era giro porque, obviamente, não era o mais esperto da turma.

— Sabes *onde* estás? — A voz dele era amável, quase hesitante.

Olhei em redor. Estávamos sentados numa relva muito bonita e ma-

queimada

cia ao lado de uma doca que dava para um lago que parecia um espelho à luz maravilhosa da manhã.

Luz da manhã?

Estava mal.

Alguma coisa estava mal.

Engoli em seco e fitei os olhos castanhos e meigos do rapaz.

— Diz-me como te chamas.

— Heath, sou o Heath. Tu conheces-me, Zo. Conhecer-me-ás sempre.

Eu conhecia-o mesmo.

Lampejos dele apareceram na minha memória como DVD acelerados: Heath a dizer-me que o cabelo cortado me ficava bem no terceiro ano – Heath a salvar-me daquela aranha gigante que caíra em cima de mim em frente ao sexto ano todo – Heath a beber de mais e a irritar-me – Heath e eu a criarmos Impressão... E a criarmos outra vez, e finalmente eu a ver Heath...

— Oh, Deusa! — As recordações consolidaram-se e eu lembrei-me. *Lembrei-me.*

— Zo — ele puxou-me de volta ao seu colo — não faz mal. Vai correr tudo bem.

— Como é que vai correr tudo bem? — Chorei. — Estás morto!

— Zo, querida, são coisas que acontecem. Não tive medo, e nem sequer me doeu muito. — Ele embalou-me devagar e deu-me palmadinhas nas costas enquanto falava na sua voz calma e conhecida.

— Mas eu lembro-me! Eu lembro-me! — Não pude deixar de chorar baba e ranho, coisa mais feia. — Kalona matou-te. Eu vi. Oh, Heath, tentei impedi-lo, tentei mesmo, a sério.

— Deixa, amor, deixa. Eu sei que tentaste. Não podias ter feito nada. Eu chamei-te e tu vieste. Estiveste bem, Zo. Estiveste bem. Agora tens de voltar e enfrentá-lo e à Neferet. A Neferet matou os dois vampes da tua escola, a professora de Teatro que tu tinhas e o outro tipo.

— Loren Blake? — O choque secava-me as lágrimas, e limpei a cara. Heath, como sempre, sacou de lenços de papel do bolso das calças de ganga. Olhei para o lenço uns segundos e depois ficámos admirados quando me desatei a rir.

— Trouxeste um lenço sujo para o céu? A sério? — Só me ria.

Ele fez um ar ofendido.

— Zo. Não está assim tão sujo. Bem...

Abanei a cabeça e peguei no lenço, algo hesitante, mas limpei a cara.

— Assoa-te também. Estás ranhosa. Ficas sempre ranhosa quando choras. Por isso é que eu ando sempre com lenços.

— Oh, cala-te! Não choro assim tanto — disse eu, esquecendo-me momentaneamente de que ele estava morto e tudo.

— Pois, mas quando choras, há montes de ranho, tenho de estar preparado.

Olhei para ele quando a realidade me assolou outra vez.

— Então o que é que acontece quando não estiveres aqui para me dares lenços? — Fugiu-me um soluço da garganta. — E... não estiveres cá para me recordares de como é estar em casa, como é o amor? Como é ser humano? — Tornei a choramingar em grande.

— Oh, Zo. Hás de descobrir por ti só. Tens montes de tempo. És uma Sumo-Sacerdotisa vampe figurona, já te esqueceste?

— Não quero ser — disse-lhe com toda a sinceridade. — Quero ser a Zoey e estar aqui contigo.

— Isso é apenas parte de ti. Ouve, talvez seja a parte de ti que precisa de crescer. — Ele falava com amabilidade e numa voz que soou, repentinamente, muito velha e sábia para o Heath.

— Não. — A palavra saiu-me e vi uma escuridão fugidia deslizar-me pelo canto do olho. Senti um aperto no estômago e pensei ter visto algo em forma de chifres.

— Zo, não podes alterar o passado.

— Não — repeti e deixei de olhar para Heath. Foquei aquilo que, momentos antes, fora um prado lindo e resplandecente a emoldurar um lago perfeito. Desta vez vi decididamente sombras e vultos onde antes não havia mais do que luz do sol e borboletas.

A escuridão dentro das sombras assustava-me, mas os vultos também dentro dela atraíam-me como as coisas brilhantes atraem os bebês. Olhos coruscaram dentro da obscuridade que se intensificava, e lobriguei um par deles. Reconheci-os. Faziam-me lembrar alguém...

— Conheço alguém ali.

Heath pegou-me no queixo e obrigou-me a largar as sombras e a olhar para ele.

— Zo, não me parece boa ideia andares aqui a pasmar. Só tens de decidir ir para casa e depois pôr-te nas tuas tamanquinhas, ou qualquer coisa típica de Sumo-Sacerdotisa extra especial mágica, e voltar ao mundo real onde é o teu lugar.

— Sem ti?

— Sem mim. Estou morto — disse ele baixinho, a acariciar-me a face com dedos que me pareciam demasiado vivos.

queimada

— Eu devo estar aqui, até acho que é apenas a primeira etapa de onde devo estar. Mas tu ainda estás viva, Zo. O teu lugar não é aqui.

Soltei-me da mão dele, pus-me de pé e abanei a cabeça. O cabelo esvoaçou como o de uma louca.

— Não! Não hei de voltar sem ti!

Vislumbrei outra sombra do que era agora uma bruma escura e agitada em nosso redor, e tive a certeza de ter visto o reflexo de chifres pontiagudos. Depois a bruma fervilhou outra vez, e uma sombra assumiu forma mais humana, a observar-me no meio da escuridão.

— Eu conheço-te — sussurrei para os olhos que eram tão parecidos com os meus, só que mais velhos e mais tristes – muito mais tristes.

Depois outro vulto tomou o lugar do anterior. Os olhos também me fitaram, só que não estavam tristes. Eram provocadores e azuis, mas não deixavam de ser meus conhecidos.

— Tu... — Sussurrei, a tentar sair dos braços de Heath, os quais me apertavam contra o seu corpo.

— Não olhes. Recompõe-te e vai para casa, Zo.

Mas eu não conseguia parar de olhar. Algo dentro de mim assim me impelia. Vi outro rosto emoldurado por olhos meus conhecidos – e desta vez o suficiente para que esse conhecimento me desse força, e soltei-me de Heath, virei-o para ele poder ver para onde eu estava a apontar no meio da obscuridade.

— Caraças, Heath! Olha para aquilo. Sou eu!

E era. O “eu” imobilizou-se quando nos encarámos. Ela devia ter nove anos de idade, e ia pestanejando num silêncio aterrado.

— Zoey. Olha para mim. — Heath virou-me e segurou-me bem pelos ombros; só podia ficar com nódoas negras.

— Tens de sair daqui.

— Mas sou *eu* em pequena.

— Acho que são todas tu – bocados de ti. Aconteceu algo à tua alma, Zoey, e tens de sair daqui para se poder consertar.

De súbito, senti-me zozza e deixei-me tombar nos braços dele. Não sei como é que soube, mas soube. As palavras que proferi eram verdadeiras e definitivas como a morte dele.

— Não posso ir-me embora, Heath. Só quando todos aqueles bocados de mim forem *eu* outra vez. E não sei como hei de fazer isso – não sei mesmo!

Heath encostou a testa à minha.

— Bem, Zo, talvez devas tentar usar aquela voz de mamã irritante que usavas comigo quando eu bebia de mais e dizer-lhes que, sei

lá, parem com este cocó todo e voltem para dentro de ti onde devem estar.

Parecia tanto o que eu diria que quase me fez sorrir. Quase.

— Mas se eu voltar a ficar inteira, terei de sair daqui. Sinto isso, Heath — sussurrei-lhe.

— Se não te recompuseres, nunca mais saís daqui porque morres, Zo. Isso sinto eu.

Fitei aqueles olhos calorosos tão meus conhecidos.

— Seria assim tão mau? Quer dizer, este sítio parece muito melhor do que a trapalhada que me espera no mundo real.

— Não, Zoey. — Heath parecia zangado. — Não está nada bem aqui. Para ti, não.

— Bem, deve ser porque não estou morta. Ainda não. — Engoli em seco e admiti, só para mim mesma, pois dizê-lo em voz alta até metia medo. — Acho que isso tem mais que se lhe diga.

Heath já não estava a olhar para mim. Olhava por cima do meu ombro, e arregalara muito os olhos. Virei-me. Os vultos agitados que pareciam conflagrantemente versões bizarras e inacabadas de mim mesma pairavam e saíam da bruma negra, a mexerem-se e a tagarelarem e a mostrarem-se supernervosos. Depois houve um clarão que passou a uma série de chifres perigosos e pontiagudos e, com um barulho terrível de algo a adejar, desceu algo sobre aquela ponta do prado, fazendo com que os espíritos, os fantasmas, aqueles bocados incompletos de mim, comessem a gritar e a gritar e a gritar enquanto se dispersavam e desapareciam diante dele.

— O que foi agora? — Perguntei a Heath, a tentar – em vão – reprimir o pavor na minha voz quando começámos a atravessar o prado.

Heath pegou-me na mão e apertou.

— Não sei, mas estarei aqui contigo em tudo. E neste momento — sussurrou ele numa voz cheia de tensão — não olhes para atrás, vem comigo e *corre!*

Por uma das poucas vezes na minha vida, não discuti com ele. Não questionei. Fiz exatamente o que ele dizia. Agarrei-me ao Heath e corri.

queimada



SEXTO CAPÍTULO

Stevie Rae

Stevie Rae, isto não é boa ideia — disse Dallas a tentar acompanhá-la. — Não me vou ausentar muito tempo, prometo — disse ela, e parou quando chegou ao parque de estacionamento e procurou o carrinho azul da Zoey.

— Ahá! Lá está ele, e ela deixa sempre as chaves lá dentro, porque as portas não se trancam, seja como for. — Stevie Rae correu até ao Carocha, abriu a porta que rangia, e soltou um grito de vitória quando viu as chaves penduradas na ignição.

— A sério, preciso que venhas à Sala do Conselho comigo e digas aos vampes o que vais fazer, mesmo que não me contes a mim. Saber a opinião deles sobre o que vai nessa tua cabeça, miúda.

Stevie Rae virou-se para Dallas.

— Ora aí está o problema. Não sei bem o que estou a fazer. E Dallas, eu não diria a um monte de vampes coisas que não te conto a ti, tens de saber disso.

Ela pôs-lhe a mão no ombro.

— Tenho a sensação de que poderá haver algo que eu possa fazer para ajudar a Zoey, mas não é sentada naquela sala com um monte de vampes empertigados que hei de descobrir. Preciso de estar *aqui* fora. — Ela abriu os braços a abarcar a terra que os rodeava.

— Tenho de usar o meu elemento para pensar. Parece que me está a falhar qualquer coisa, mas o entendimento está quase ao meu alcance. Vou usar a terra para me ajudar a chegar lá.

— Não podes fazer isso daqui? Há montes de terra boa em toda a escola.

Stevie Rae obrigou-se a sorrir para ele. Detestava ter de mentir a Dallas mas, por outro lado, não estava bem a mentir. Ela ia mesmo ver se haveria maneira de ajudar a Z, e não podia fazer isso na Casa da Noite.

— Aqui não faltam distrações.

— Pronto, ouve, eu sei que não te posso impedir, mas preciso que me prometas uma coisa, senão vou fazer figura de parvo a tentar impedir-te mesmo.

Stevie Rae arregalou os olhos e desta vez não teve de forçar o sorriso.

— Vais tentar dar-me uma abada, Dallas?

— Bom, eu e tu sabemos que seria mesmo só *tentar*, sem sucesso, e é aí que entra a figura de parvo.

Ainda a sorrir-lhe, ela perguntou:

— O que queres que te prometa?

— Que não vais voltar ao depósito já a seguir. Eles quase te mataram, e tu pareces recuperada e tal, mas *eles quase te mataram*. Ontem. Portanto, preciso que me prometas que não vais lá voltar para os enfrentar esta noite.

— Prometo — disse ela com toda a seriedade. — Não vou lá voltar. Já te disse: vou tentar arranjar maneira de ajudar a Z, e lutar com aqueles miúdos não é coisa que a ajude em nada.

— Juras?

— Juro.

Ele soltou um grande suspiro de alívio.

— Ótimo. Agora o que é que eu vou dizer aos vampes sobre as tuas andanças?

— Aquilo que eu te disse: que tenho de me rodear de terra e ficar sozinha. Que estou a tentar descortinar algo, e não o posso fazer aqui.

— Muito bem. Eu digo-lhes. Vão ficar passados.

— Pois eu hei de voltar depressa — disse ela, e entrou para o carro de Zoey. — E não te rales. Vou ter cuidado. — O motor já pegara quando Dallas tamborilou na janela. Stevie Rae reprimiu um suspiro de aborrecimento e baixou o vidro.

— Quase me esquecia de te dizer: ouvi alguns dos miúdos a conversarem enquanto esperava por ti. Já corre pela internet que a Zoey não é a única alma estilhaçada em Veneza.

— O que raio significa isso, Dallas?

— Consta que a Neferet largou o Kalona no Alto Conselho – literalmente. O corpo dele está lá, mas a alma foi-se.

queimada

— Obrigada, Dallas. Tenho de me despachar! — Sem esperar que ele respondesse, Stevie Rae engatou a mudança no Carocha e saiu do parque de estacionamento e do recinto da escola. Virou à direita em Utica Street e dirigiu-se à baixa e a noroeste, rumo à terra verdejante nos arredores de Tulsa onde ficava o Museu Gilcrease.

A alma de Kalona também desaparecera.

Stevie Rae não acreditava nem por um instante que o imortal tivesse ficado tão desgostoso que a alma se destroçasse.

— Não é nada provável — resmungou ela de si para consigo, a navegar nas ruas escuras e silenciosas de Tulsa. — Ele anda atrás dela. — Assim que Stevie Rae disse as palavras em voz alta, soube que tinha razão.

O que poderia fazer quanto a isso?

Não fazia a mais pálida ideia. Não sabia nada de imortais nem almas estilhaçadas nem o mundo dos espíritos. Claro, ela morrera, mas também desmorrera. E não se lembrava de a sua alma ter ido a algum lado. *Encurralada... Tinha sido negro e frio e mudo, e eu queria gritar e gritar e gritar...* Stevie Rae estremeceu e reprimiu os pensamentos. Não se lembrava de muito desse tempo terrível e morto – não queria. Mas conhecia alguém que sabia bastante sobre imortais, especialmente Kalona, e o mundo dos espíritos. Segundo a avó da Z, Refaim não passava de espírito até Neferet ter libertado o nojento do paizinho dele.

— Refaim há de saber alguma coisa. E o que ele sabe, eu hei de saber — disse ela decididamente, os dedos a apertarem o volante.

Se tivesse de ser, Stevie Rae usaria o poder da Impressão dela, o poder do seu elemento, e todo e qualquer poder dentro dela, para lhe sacar informações. Sem ligar à *culpa* doentia e terrível que sentia por pensar em lutar com Refaim, meteu prego a fundo no Carocha e virou para Gilcrease Road.

Stevie Rae

Não teve de pensar muito para saber onde havia de o encontrar. Stevie Rae sabia, simplesmente. A porta da frente da velha mansão já fora arrombada, e ela entrou na casa escura e fria, seguiu o rasto invisível dele cada vez mais para cima. Não precisou de ver a porta da varanda entreaberta para saber que ele lá estaria. Ela *sabia* que ele lá estava. *Saberei sempre onde ele está*, pensou, algo sombriamente.

Ele não se virou logo para a encarar, e ela ficou contente. Stevie Rae precisava de tempo para se habituar a vê-lo outra vez.

— Vieste — disse ele, ainda sem a encarar.

Aquela voz – aquela voz humana. Abalou-a outra vez, tal como acontecera na noite em que se tinham conhecido.

— Tu chamaste-me — disse ela, a tentar manter a voz neutra – a tentar reprimir a raiva que sentia pelo que o paizinho horrível dele causara.

Ele virou-se para a encarar, e entreolharam-se.

Parece exausto, foi a primeira coisa em que ela pensou. *O braço voltou a sangrar.*

Ela ainda sofre, foi a primeira coisa em que ele pensou. *E está cheia de raiva.*

Fitaram-se em silêncio, nenhum deles querendo verbalizar os pensamentos.

— O que aconteceu? — Perguntou ele finalmente.

— Como é que sabes que aconteceu alguma coisa? — Estalou ela.

Ele hesitou antes de responder, obviamente a escolher as palavras com cuidado.

— Sei por ti.

— Isso não faz sentido, Refaim. — O som da voz dela a dizer o nome dele parecia ecoar em redor deles, e a noite ficou subitamente tingida com a recordação da bruma vermelha resplandecente que o filho de um imortal mandara acariciar a pele de Stevie Rae e chamá-la.

— Não me faz sentido a mim também — disse ele, a voz funda e suave e hesitante.

— Não sei nada de Impressões; terás de me ensinar.

Stevie Rae sentiu-se corar. *Ele diz a verdade,* apercebeu-se. *A nossa Impressão deixa-o saber coisas sobre mim! E como poderia compreender? Eu mal compreendo.*

Ela pigarreou.

— Estás a dizer que sabes que aconteceu alguma coisa porque o detetaste em mim?

— Sinto, não deteto — corrigiu ele. — Senti o teu sofrimento. Não foi como antes, logo após beberes de mim. Depois o teu corpo ficou em sofrimento. A tua dor esta noite foi emocional, não foi física.

Ela não conseguia deixar de olhar para ele, com uma expressão de choque evidente no rosto.

— Pois foi. Ainda é.

— Conta-me o que aconteceu.

queimada

Em vez de lhe responder, ela perguntou:

— Porque me chamaste aqui?

— Estavas a sofrer. Eu também senti. — Refaim calou-se, obviamente desconcertado pelo que dizia, e depois continuou:

— Queria parar de sentir. Por isso, mandei-te a minha força e chamei-te.

— Como o fizeste? O que era aquela bruma vermelha?

— Responde à minha pergunta que responderei à tua.

— Pronto. O que aconteceu foi que o teu paizinho matou o Heath, o humano que era consorte da Zoey. A Zoey viu-o fazer isso e não pôde impedir, e ficou com a alma estilhaçada.

Refaim continuou a olhar para ela até parecer a Stevie Rae que os olhos dele lhe trespassavam o corpo e lhe viam diretamente a alma. Porém, não conseguia desviar o olhar e, quanto mais se fitavam, mais difícil era para ela agarrar-se à raiva. Os olhos dele eram tão humanos. Só a cor não o era e, para Stevie Rae, o escarlate dentro deles não era tão bizarro como deveria. Na verdade, era assustadoramente conhecido; também tingira outrora os olhos dela.

— Não tens nada a dizer quanto a isso? — Balbuciou ela, desviando finalmente o olhar e contemplando a noite vazia.

— Há mais. O que é que não me queres contar?

Stevie Rae chamou a raiva de volta a si e tornou a encará-lo.

— Consta que a alma do teu paizinho também se estilhaçou.

Refaim pestanejou, o choque evidente nos olhos tintos de sangue.

— Não acredito nisso — disse.

— Eu também não, mas a Neferet largou o seu corpo sem espírito no Alto Conselho e parece que eles engoliram. Sabes o que eu penso? — Não esperou que ele respondesse, continuou, a voz a subir de tom com a frustração, a raiva e o medo. — Penso que Kalona seguiu a Zoey até ao Outro Mundo porque está completamente obcecado por ela. — Stevie Rae limpou as faces, as lágrimas que achava já ter deixado de chorar.

— Isso é impossível. — Refaim parecia quase tão transtornado quanto ela. — Meu pai não pode voltar ao Outro Mundo. Esse reino está-lhe eternamente interdito.

— Pois bem, deve ter arranjado maneira de contornar essa interdição.

— Maneira de contornar ter sido banido eternamente pela própria Deusa da Noite? Como se poderia conseguir isso?

— Nyx expulsou-o do Outro Mundo? — Perguntou Stevie Rae.

— Foi escolha de meu pai. Ele foi outrora Guerreiro de Nyx. O Vínculo do Juramento quebrou-se quando ele caiu em desgraça.

— Oh minha nossa senhora, Kalona costumava estar ao lado de Nyx? — Sem se aperceber conscientemente de que o fazia, Stevie Rae aproximou-se de Refaim.

— Sim. Ele guardava-a da Escuridão. — Refaim contemplava a noite.

— O que aconteceu? Porque é que ele caiu?

— O Pai nunca fala disso. Sei que, fosse o que fosse, o encheu de uma raiva que ardeu durante séculos.

— E foi assim que tu foste criado. Dessa raiva.

O olhar dela encontrou-a outra vez.

— Sim.

— E também te enche? Essa raiva e essa escuridão? — Stevie Rae não pôde deixar de perguntar.

— Não saberias se assim fosse? Tal como eu sei do teu sofrimento? Não é assim que esta Impressão entre nós funciona?

— Bem, é complicado. Tenta compreender, tu foste assim como que obrigado ao papel de consorte, dado que a vampyra aqui sou eu. E é mais fácil a um consorte saber coisas da sua vampyra do que o contrário. O que eu sinto de ti é...

— O meu poder — interrompeu ele. Stevie Rae não achou que ele parecesse zangado, apenas cansado e quase desesperançado. — Sentes a minha força imortal.

— Cór'a breca! Por isso é que eu sarei tão depressa.

— Sim, e é por isso que eu não.

Stevie Rae pestanejou, admirada.

— Ora bolas. Deves sentir-te péssimo; estás com mau aspeto.

Ele fez um ruído algures entre rosnar e rir.

— E tu pareces sadia e inteira outra vez.

— Estou sadia, mas só ficarei inteira quando descobrir como ajudar a Zoey. Ela é a minha melhor amiga, Refaim. Ela não pode morrer.

— Ele é meu pai. Ele também não pode morrer.

Ficaram a olhar um para o outro, ambos a debaterem-se com o sentido a dar ao que os atraía um ao outro, mesmo com a raiva e a dor e o sofrimento a rodearem-nos, a separarem-lhes o mundo.

— E se fizermos assim: vamos arranjar-te algo para comer. Eu torno a tratar da asa, o que não vai ser pera doce para nenhum de nós, e depois tentamos descobrir o que se passa com a Zoey e o teu paizinho. Mas deves ficar a saber uma coisa. Eu não consigo sentir as tuas emoções como tu sentes as minhas, mas sei quando me estás a mentir. Também tenho a certeza de que te poderia encontrar, estejas onde estiveres. Portanto, se

queimada

me mentires e tramares a Zoey, dou-te a minha palavra em como irei atrás de ti com todo o poder do meu elemento *e* do teu sangue.

— Não te vou mentir — asseverou ele.

— Ótimo. Vamos ao museu procurar a cozinha.

Stevie Rae saiu da varanda no telhado e o Zomba-Corvos seguiu-a, como se estivesse ligado à Sumo-Sacerdotisa com uma corrente invisível mas indissolúvel.

Stevie Rae

— Podias ter tudo o que desejas neste mundo com esse poder — disse Refaim entre dentadas da enorme sandes que ela lhe preparara com a comida que ainda não se estragara nos frigoríficos industriais do restaurante do museu.

— Ná, nem por isso. Quer dizer, claro, posso fazer com que um segurança noturno do museu, cansado, sobrecarregado e algo tolo, nos deixe entrar e depois esquecer-se de que existimos; mas não posso *mandar no mundo* nem nada louco assim.

— É um poder excelente de se ter.

— Não, é uma responsabilidade que não pedi para ter e que não quero mesmo. Compreendes, não quero saber obrigar os humanos a fazerem o que me apetecer. Não está certo – se eu estiver do lado de Nyx, não.

— Porque a tua Deusa não acredita em dar aos súbditos os seus objetos de desejo?

Stevie Rae olhou para ele algum tempo, a enrolar um caracol de cabelo antes de responder, a pensar que ele poderia estar a querer confundi-la, mas o olhar vermelho que ele fixava nela era completamente sério. Por conseguinte, respirou fundo e explicou:

— Não é por isso, é porque Nyx acredita que todos devem ser livres de escolher e, quando eu confundo uma mente humana e lá implanto cenas que esse humano não pode controlar, estou a tirar-lhe essa livre escolha. Não são coisas que se façam.

— Acreditas mesmo que toda a gente no mundo deveria ser livre de escolher?

— Acredito. É por isso que estou aqui hoje, a conversar contigo. A Zoey devolveu-me isso. Depois, seguindo o seu exemplo, ofereço-te a mesma coisa.

— Deixaste-me viver na esperança de que eu escolhesse o meu próprio caminho e não o de meu pai.

Stevie Rae admirou-se por ele o dizer com tal à vontade; mas não questionou o que o impelira a ser sincero, limitando-se a acompanhar.

— Pois. Eu disse-te isso, quando fechei o túnel atrás de ti e te deixei ir, em vez de te denunciar aos meus amigos. Agora tens as rédeas da tua vida. Não estás vinculado ao teu paizinho nem a mais ninguém. — Ela calou-se um segundo para depois terminar de rajada. — E já começaste esse caminho quando me salvaste daquele telhado.

— Uma dívida de vida por pagar é um fardo perigoso a carregar. Era apenas lógico que eu pagasse a dívida que havia entre nós.

— Pois, percebo isso, e então esta noite?

— Esta noite?

— Mandaste-me a tua força e chamaste-me a ti. Se tens esse tipo de poder, porque é que não quebraste a nossa Impressão? Isso também teria terminado com o teu sofrimento.

Ele parou de comer, e o seu olhar escarlate fixou-se no dela.

— Não faças de mim o que não sou. Passei séculos na escuridão. Vivi com o mal, meu companheiro de quarto. Estou vinculado a meu pai. Ele está cheio de uma raiva que pode muito bem consumir este mundo e, se ele regressar, estou destinado a estar a seu lado. Vê-me como eu sou, Stevie Rae. Sou uma criatura de pesadelo que recebeu vida pela raiva e pela violação. Caminho entre os vivos, mas estou separado para sempre, sou diferente para sempre. Não sou imortal, não sou homem, e não sou animal.

Stevie Rae deixou que as palavras dele se lhe entranhassem nas veias. Sabia que ele estava a ser completamente, cruamente, sincero com ela, mas havia mais nele além daquela máquina de raiva e mal que ele fora criado para ser. Ela sabia porque o testemunhara.

— Bem, Refaim, e que tal considerares apenas que *poderás* ter razão?

Ela viu a compreensão nos olhos cor de sangue dele.

— O que significa que também *poderei* não ter?

Ela encolheu os ombros.

— É a minha opinião.

Sem falar, ele abanou a cabeça e voltou a comer. Ela sorriu e continuou a fazer uma sandes de peru para si.

— Portanto — começou Stevie Rae, a barrar mostarda em pão branco — qual é a teoria para o desaparecimento da alma do teu paizinho?

queimada

O olhar dele fixou-se no dela e a única palavra que ele proferiu enregelou o sangue a Stevie Rae.
— Neferet.



SÉTIMO CAPÍTULO

Stevie Rae

Dallas contou-me que a Neferet largou o corpo sem espírito de Kalona no Alto Conselho.

— Quem é Dallas? — Perguntou Refaim.

— Um tipo meu conhecido. Portanto parece que a Neferet denunciou o Kalona, mesmo que se pense que eles estão juntos e tudo.

— Neferet seduz meu pai e finge ser sua parceira, mas a única coisa que lhe interessa é ela própria. Ele está cheio de raiva, ao passo que ela está cheia de ódio. O ódio é um aliado mais poderoso.

— Então tens a certeza de que a Neferet trairia Kalona para se salvar?

— Perguntou Stevie Rae.

— Tenho a certeza de que Neferet trairia qualquer um para se salvar.

— O que ganha ela em entregar Kalona, especialmente se ele estiver sem alma e tal?

— Ao entregá-lo ao Alto Conselho, ela afasta as desconfianças de si própria — respondeu ele.

— Pois, faz sentido. Eu sei que ela quer a Zoey morta, e não se rala nada com o Heath. Aliás, a Neferet não se importaria nada com o facto de a Zoey ver Kalona matar Heath e lançar-lhe o poder do espírito, e também com o facto de não ter conseguido impedir Kalona de o matar lhe estilhaçar a alma. Parece que é apenas meio caminho para a morte.

Os olhos de Refaim estavam subitamente acutilantes.

— Zoey atacou meu pai com o elemento espírito?

— Sim, foi o que a Lenóbia e o Dragão me contaram.

— Então ele ficou gravemente ferido. — Refaim desviou o olhar e não disse mais nada.

queimada

— Ouve, tens de me contar o que sabes — disse Stevie Rae com seriedade. Como ele não falava, ela suspirou e continuou:

— Pronto, eis a minha verdade: vim aqui esta noite tentar obrigar-te a falares do teu paizinho e do Outro Mundo e tudo; mas agora que estou aqui a falar mesmo contigo, não te quero *obrigar*. — Stevie Rae tocou-lhe no braço, algo hesitante. O corpo dele sacudiu-se quando os dedos dela lhe chegaram à pele, mas não se afastou. — Podemos trabalhar juntos nisto? Queres mesmo ver a Zoey morta?

Os olhos dele encontraram os dela outra vez.

— Não tenho razão para desejar a morte da tua amiga, mas tu queres mal a meu pai.

Stevie Rae bufou de frustração.

— E se fizermos assim: e se eu transigir no que quero? E se te disser que só quero que Kalona nos deixe a todos em paz?

— Não sei se isso poderá alguma vez ser possível — disse Refaim.

— Mas é possível que eu o deseje. Neste momento, Zoey e Kalona estão *os dois* sem alma. Ora, eu sei que a do teu paizinho é imortal, mas não pode ser nada bom que o corpo dele seja apenas uma casca.

— Não, não é nada bom.

— Então trabalhemos juntos para ver se os podemos resgatar aos dois, e lidar com o que vier a seguir quando acontecer mesmo.

— Posso aceitar isso — anuiu ele.

— Ótimo! — Ela apertou-lhe o braço antes de tirar a mão.

— Disseste que Kalona ficou ferido. Como assim?

— O corpo dele não se pode matar, mas se o espírito ficar destruído, ele fica fisicamente debilitado. Foi assim que usaram A-ya para o encurralar. O espírito dele estava toldado com as emoções que sentia por ela. Ficou confuso e fraco, e o corpo ficou vulnerável.

— E foi assim que a Neferet o conseguiu entregar ao Alto Conselho — disse Stevie Rae.

— A Zoey feriu-lhe o espírito, e o corpo dele ficou vulnerável.

— Tem de haver mais do que isso. A menos que o prendam, como A-ya fez debaixo da terra, o Pai começaria a recuperar quase de imediato. Desde que esteja livre, pode sarar o seu espírito.

— Bem, é óbvio que a Neferet o agarrou antes de ele estar sarado. Ela é tão maléfica que provavelmente o atacou com aquela escuridão pavorosa que anda com ela e depois...

— É isso! — Ele levantou-se com o entusiasmo, e depois fez uma careta por causa da asa. A massajar o braço magoado, voltou a sentar-se, com o braço junto do corpo.

— Ela continuou o ataque ao espírito dele. Neferet é Tsi Sgili. É pelo recurso às forças negras do mundo dos espíritos que ela ganha poder.

— Ela matou Shekinah sem sequer lhe tocar — recordou Stevie Rae.

— Neferet tocou na Sumo-Sacerdotisa mas sem as mãos. Manipulou os fios das mortes de sua responsabilidade, sacrifícios que fez, e promessas tenebrosas que tenciona cumprir. Foi esse poder que matou Shekinah, e foi esse poder que ela empunhou contra o espírito já enfraquecido de meu pai.

— Mas o que está ela a fazer com ele?

— A prender-lhe o corpo e a usar-lhe o espírito para os seus próprios fins.

— O que faz dela uma das boas aos olhos do Alto Conselho. Até apostado que ela está toda “Oh, coitadinha da Zoey” e “Não sei em que Kalona estaria a pensar” para eles verem.

— A Tsi Sgili é assaz poderosa. Porque fingiria assim para o vosso Conselho?

— A Neferet não quer que saibam o quanto é maléfica porque ela quer mandar no mundo todo. Poderá não estar preparada para enfrentar o Alto Conselho dos Vampyros e o mundo humano *também*. Ainda não. Por isso, não pode deixar que o Conselho saiba que ela não se importa com a quase morte da Zoey, embora esteja a adorar.

— O Pai não quer a Zoey morta. Ele simplesmente quer possuí-la. Stevie Rae olhou-o duramente.

— Alguns de nós pensam que ser *possuída* contra vontade é pior do que a morte.

Ele resfolegou.

— Referes-te a criar Impressão por acidente?

Stevie Rae franziu-lhe o sobrolho.

— Não, não é isso a que me refiro.

Ele resfolegou outra vez e continuou a massajar o braço.

Ainda de cenho carregado, ela continuou:

— Mas queres dizer que Kalona não queria que o que ele fez ao Heath estilhaçasse a alma da Zoey?

— Pois não, porque o mais provável seria isso resultar na morte dela.

— O mais provável? — Stevie Rae destacou as palavras. — Significa isso que não é cem por cento certo que a Z vá morrer. Porque é isso que os vampes dizem.

— Os vampyros não estão a pensar com o raciocínio de um imortal. Não há morte certa como os mortais pensam. Zoey morrerá se o seu es-

queimada

prito não voltar ao corpo, mas não é impossível que o seu espírito fique inteiro outra vez. É difícil, sim, e ela precisaria de um guia e protetor no Outro Mundo, mas... — ele interrompeu-se, e Stevie Rae viu o choque nos olhos dele.

— O que foi?

— Neferet está a usar meu pai para garantir que o espírito de Zoey não volta. Ela prendeu-lhe o corpo enquanto ele estava ferido e mandou a sua alma obedecer-lhe no Outro Mundo.

— Mas disseste que Kalona foi expulso de lá por Nyx. Como é que ele pôde voltar?

Refaim arregalou os olhos.

— O *corpo* dele foi banido.

— E o corpo dele ainda é deste mundo! Foi o espírito que voltou — Stevie Rae terminou por ele.

— Sim! Neferet obrigou-o a voltar. Conheço bem meu pai. Nunca voltaria às escondidas para o Outro Mundo de Nyx. É orgulhoso. Só voltaria se a própria Deusa lho pedisse.

— Como podes ter a certeza disso? Talvez ele vá atrás da Zoey porque compreendeu finalmente que ela nunca estará com ele e, como qualquer psicopata, prefere vê-la morta do que com outra pessoa. Isso pode tê-lo enfurecido o bastante para o orgulho dele brincar às escondidas.

Refaim abanou a cabeça.

— O Pai nunca acreditará que Zoey não acabe por escolhê-lo. A-ya escolheu, e parte da donzela ainda vive na alma de Zoey. — Refaim calou-se mas, antes que Stevie Rae passasse à pergunta seguinte, acrescentou:

— Mas sei como se pode ter a certeza. Se Neferet estiver a usá-lo, terá o corpo do Pai amarrado pela Escuridão.

— Escuridão? Queres dizer o contrário de luz?

— De certo modo é isso. É difícil definir porque esse tipo de mal está em constante mutação e evolução. A Escuridão de que falo é um ser vivo. Encontra alguém que consiga ver seres do mundo dos espíritos, e essa pessoa deverá poder ver as grilhetas que a Tsi Sgili formou para amarrar meu Pai, se as houver.

— Tu podes sentir o mundo dos espíritos?

— Posso — respondeu ele, fitando-a sem vacilar. — Queres que me entregue ao vosso Alto Conselho dos Vampyros?

Stevie Rae mordiscou o lábio inferior. Quereria? Seria trocar a vida de Refaim pela de Zoey, e talvez a sua própria vida, porque teria de ir com

ele, e não havia maneira de os megapoderosos vampes do Alto Conselho não perceberem que eles tinham Impressão. Ela morreria pela Zoey – claro que morreria. Mas seria agradável se não tivesse de ser. Além disso, não é que a Zoey a quisesse ver morta. Bom, também não era que a Zoey quisesse que ela tivesse salvado e criado Impressão com um Zomba-Corvos. Caraças, *ninguém* queria isso. A Deusa sabia que ela nem sequer queria. Bom, a maior parte do tempo, não.

— Stevie Rae?

Ela arrancou-se do seu conflito interior e viu Refaim a observá-la.

— Queres que me entregue ao vosso Alto Conselho dos Vampyros?

— Inquiriu ele outra vez, solenemente.

— Apenas em último recurso e, se fores, significa que eu também vou. E, raios, o Alto Conselho nem iria acreditar no que tu tens para dizer. Mas disseste que basta alguém bom com o mundo dos espíritos, bom a ponto de detetar a Escuridão e coisas de espíritos, não foi?

— Foi.

— Bom, há uma manada de vampes poderosas no Alto Conselho. Uma delas tem de poder ver isso.

Ele inclinou a cabeça para um lado.

— Seria invulgar que um vampyro tivesse capacidade para ver as forças tenebrosas que a Tsi Sgili tem manipulado. É uma das razões para Neferet conseguir manter esta charada há tanto tempo. Ser verdadeiramente capaz de identificar a Escuridão oculta é um dom singular. Sentir um mal assim é difícil, a menos que se esteja familiarizado com ele.

— Pois bem, consta que as vampes do Alto Conselho são isso tudo. Uma delas tem de saber. — Stevie Rae falava com mais confiança do que a que sentia. Toda a gente sabia que as vampes do Alto Conselho eram escolhidas pela honra e integridade e, em suma, bondade geral, o que não se traduzia imediatamente em familiaridade com a Escuridão. Stevie Rae pigarreou.

— Bem, eu tenho de voltar à Casa da Noite e telefonar para Veneza — disse ela firmemente. Depois olhou para o braço dele e a asa que pendia inerte em ligaduras manchadas.

— Estás cheio de dores, não estás?

Ele assentiu.

— Já acabaste de comer?

Ele tornou a assentir.

Ela engoliu em seco, a recordar-se da dor partilhada quando lhe ligara a asa partida.

— Tenho de ir buscar material. Infelizmente, deve estar naquele ga-

queimada

binete da segurança para onde mandei o vigilante tolo, ou seja, vou ter de lhe manipular aquele cérebro de ervilha outra vez.

— Detetaste que o cérebro dele era pequeno?

— Viste como ele trazia as calças puxadas para cima? Ninguém abaixo dos oitenta anos usa as calças do avô puxadas até aos sovacos assim. *Cérebro de ervilha*, é a minha opinião.

Nisto, surpreendendo-os aos dois, Refaim riu-se.

Gosto da gargalhada dele. E antes que o cérebro dela pudesse dizer à boca que estivesse fechada, ela sorriu e disse:

— Devias rir-te mais vezes. É agradável.

Refaim não disse nada, mas Stevie Rae não soube decifrar o olhar que ele lhe lançou. Sentindo-se pouco à vontade, ela saltou do banco alto da cozinha e disse:

— Vou buscar a maleta dos primeiros socorros, arranjar-te a asa da melhor maneira, recolher comida e cenas para ti, e depois voltar e começar a fazer chamadas superinternacionais. Espera aí. Volto já.

— Preferia ir contigo — disse ele, e pôs-se de pé com cuidado enquanto segurava o braço magoado.

— Deve ser mais fácil para ti ficares aqui — disse ela.

— Pois, mas preferia ir contigo — retrucou ele com calma.

Stevie Rae sentiu um abalo estranho dentro dela quando ouviu estas palavras, mas encolheu os ombros com descaso e disse:

— Está bem, como quiseres. Mas não te queixes se te doer andar por aí.

— Eu *não* me queixo! — O olhar que ele lhe lançou estava tão eivado de orgulho masculino que foi a vez dela se rir quando saíram da cozinha, lado a lado.

Stevie Rae

A caminho de casa, Stevie Rae deveria ir a pensar em Zoey e no plano de ataque que ia arquitetar. Porém, não era fácil. Iria ligar a Afrodite. Por mais tragédias que acontecessem no mundo, Afrodite teria o narizinho arrebicado metido em tudo, especialmente dado que tinha a ver com Zoey.

Por conseguinte, o passo seguinte no Plano Salvar a Z já estava gizado, o que lhe deixava a mente aberta para pensar em Refaim.

Fora um pavor ligar aquela maldita asa outra vez. Ela ainda sentia a dor fantasma no seu próprio ombro direito e nas costas. Mesmo depois de encontrar um frasco de lidocaína analgésica e de lhe massajar a asa e o braço magoado, ainda sentia a dor funda e doentia da fratura. Refaim não dissera palavra durante toda aquela provação. Virara a cabeça para o outro lado e, mesmo antes de ela lhe tocar na asa, dissera:

— Não te importas de conversar como costumás fazer enquanto ligas a asa?

— Conversar como costume fazer? — Perguntara ela.

Ele olhara por cima do ombro, e ela podia jurar que lhe vira um sorriso nos olhos.

— Tu falas. Bastante. Portanto, podes falar. Dar-me-á algo mais irritante em que pensar em vez da dor.

Ela bufara, mas tivera vontade de sorrir. E conversou com ele o tempo todo em que limpava, ligava e reajustava a asa partida. Aliás, falara em grandes rajadas de verborreia, dizendo nada e tudo enquanto cavalgava a onda de dor com ele. Quando finalmente terminou, ele seguira-a, devagar, calado, até à mansão abandonada, e ela tentara dar mais conforto ao roupeiro, com mais cobertores que tirara da sala de pessoal do museu.

— Tens de te ir embora. Não te preocupes com isto. — Ele tirara-lhe o último cobertor e quase se deixara cair dentro do roupeiro.

— Olha, pus aqui a saca da comida. Não se estraga. E não te esqueças de beber muita água e sumo. É bom não desidratar — dissera ela, pois sentia-se ralada por deixá-lo com um ar tão débil e cansado.

— Não esqueço. Vai.

— Pronto. Vou. Mas tentarei voltar amanhã.

Ele assentira, exausto.

— Está bem. Pronto, fui.

Ela virara-se para sair e ele dissera:

— Devias falar com a tua mãe.

Ela parara como se tivesse embatido num trator.

— Porque é que te havias de lembrar da minha mãezinha?

Ele pestanejara como se estivesse confuso, esperara, e depois respondera assim:

— Falaste dela enquanto me ligavas a asa. Não te lembras?

— Não. Sim, acho que não estava a ligar muito ao que ia dizendo.

— Stevie Rae esfregara automaticamente o braço direito. — Limitei-me a mexer a boca enquanto me despachava com isso.

— Eu ouvi-te em vez de ligar à dor.

— Ah. — Stevie Rae não soubera o que dizer.

queimada

— Disseste que ela pensa que morreste. Eu só... — Ele calara-se, com um ar perplexo como se tentasse decifrar uma língua estrangeira. — Eu só pensei que devias dizer-lhe que estás viva. Ela deve querer saber, não deve?

— Deve.

Haviam ficado a olhar um para o outro até ela finalmente se obrigar a dizer:

— Adeus, e não te esqueças de comer.

Depois praticamente saíra a correr do museu.

— Por que raio fiquei tão abalada quando ele falou na minha mãezinha? — Perguntou Stevie Rae a si mesma.

Ela sabia a resposta e – não – não a queria dizer em voz alta. Ele *ligara* ao que ela lhe dissera; ralara-se por ela ter saudades da mãezinha. Quando estacionou na Casa da Noite e saiu do carro da Zoey, admitiu a si mesma que não fora bem a ralação dele o que a abalara. Fora o que sentira com a ralação dele. Ficara contente por isso, e Stevie Rae sabia o perigo que era ficar contente por um monstro lhe ligar.

— Cá estás tu! Já não era sem tempo. — Dallas praticamente irrompeu dos arbustos.

— Dallas! Juro pela própria Deusa que vou dar-te um enxerto de porrada se não parares de me pregar sustos.

— Dás-me depois. Agora tens de ir à Sala do Conselho porque a Lenóbia não está nada satisfeita com a tua saída.

Stevie Rae suspirou e subiu com Dallas ao andar de cima, à sala em frente à biblioteca que a escola usava para Sala do Conselho. Despachou-se, mas depois hesitou à porta. A tensão no ar era palpável, quase visível. A mesa era grande e redonda, deveria juntar as pessoas, mas naquele dia, não. Naquele dia a mesa mais parecia o refeitório de uma escola secundária, com grupinhos separados e odiosos.

Num dos lados curvos estava Lenóbia, o Dragão, Erik e Kramisha. Do outro lado, as professoras Pentesileia, Garmy e Vento. Estavam no meio do que parecia ser um conflito de olhares furibundos seríssimo quando Dallas pigarreou e Lenóbia lhes deu atenção.

— Stevie Rae! Finalmente. Sei que vivemos tempos invulgares, e que estamos todos num stresse incrível, mas agradeceria que reprimissem o próximo impulso de desaparecer para um jardim, ou seja lá para onde for, quando é convocada uma reunião do Conselho. Estás na posição de Sumo-Sacerdotisa interina; deves lembrar-te de te portares como tal.

A voz de Lenóbia fora tão dura que Stevie Rae se eriçou toda. Abriu a boca para ralar também e dizer à Mestre de Equitação que não man-

dava nela, e depois sair da maldita sala e fazer o telefonema para Veneza. Porém, ela já não era uma simples iniciada, e abandonar de rompante um grupo de vampes que se ralava com a Zoey – bem, alguns – não iria ajudar em nada.

Começa como terminarias, quase podia ouvir a voz da sua mãezinha.

Por conseguinte, em vez de fazer birra e sair porta fora, Stevie Rae entrou na sala e sentou-se numa cadeira mesmo no meio dos dois grupos. Quando falou, não deixou que a irritação transparecesse. Aliás, tentou o melhor que pôde imitar a mãezinha, quando esta lhe queria mostrar o seu desagrado.

— Lenóbia, a minha afinidade é com a terra. Significa isso que, por vezes, precisarei de largar tudo e todos e ser simplesmente eu mesma com a terra. É assim que penso, e neste momento todos precisamos de pensar. Portanto, hei de desaparecer algumas vezes, com ou sem autorização, e quer vocês tenham convocado reunião, quer não. E *não* estou na posição de Sumo-Sacerdotisa interina. Sou a primeira e a única Sumo-Sacerdotisa vampyra vermelha no mundo inteiro. É um fenómeno novo, portanto acho que vai haver novos cargos também e, sabe, posso muito bem ter de ir improvisando enquanto descubro como é ser Sumo-Sacerdotisa Vermelha. — Stevie Rae virou-se para o outro lado da sala e acrescentou rapidamente:

— Olá, Professora P, e Garmy e Vento. Não as vejo há muito tempo, minha gente.

As três professoras murmuraram cumprimentos e ela ignorou o facto de estarem a olhar fixamente para as suas tatuagens vermelhas como se ela fosse um trabalho de Ciências que corra mal na exposição.

— Portanto, o Dallas disse que a Neferet largou o corpo de Kalona no Alto Conselho, e que parece que a alma dele também se estilhaçou — resumiu Stevie Rae.

— Sim, embora haja quem não queira acreditar — disse a Profe P, e lançou um olhar tenebroso a Lenóbia.

— Kalona não é Erebus! — Lenóbia quase barafustava. — Assim como todos sabemos que Neferet *não* é a encarnação terrena de Nyx! Todo o assunto é ridículo.

— O Conselho disse que a Profetisa Afrodite anunciou que o espírito do imortal alado se estilhaçara como o da Zoey — disse a Profe Garmy.

— Espere aí. — Stevie Rae levantou a mão para impedir a tirada que ia obviamente sair de Kramisha.

— Disse *Profetisa e Afrodite* na mesma frase?

queimada

— Foi isso que o Alto Conselho lhe chamou — disse Erik secamente.
— Mesmo que a maioria de nós não lhe chamasse assim.

Stevie Rae olhou-o de sobrolho erguido.

— Ai não? Eu chamaria. A Zoey chamaria. E tu já *chamaste*. Talvez não verbalmente, mas seguiste as visões dela, mais de uma vez. Eu tive Impressão com ela, não é que tenha gostado nem nada, mas posso dizer-te que ela foi decididamente tocada por Nyx e sabe das coisas. Montes de coisas, aliás. — Stevie Rae olhou para a Profe Garmy.

— A Afrodite sente coisas sobre o espírito de Kalona?

— Assim crê o Alto Conselho.

Stevie Rae suspirou longamente de alívio.

— São as melhores notícias que ouvi em muitos dias. — Olhou para o relógio, e começou a contar até chegar à hora de Veneza, mais sete horas. Eram cerca de 22:30 em Tulsa, ou seja, ainda não seria madrugada lá.

— Preciso de um telefone. Tenho de ligar à Afrodite. Caraças! Deixei o telemóvel no quarto. — Stevie Rae começou a levantar-se.

— Stevie Rae, o que estás a fazer? — Perguntou o Dragão, e todos olharam para ela.

Ela hesitou ao olhar para a sala e os vamps irritados e tensos.

— E se lhes disser o que *não* estou a fazer? *Não* estou sentada a discutir quem Kalona é nem quem Neferet não é quando a Zoey precisa de ajuda. *Não* estou a desistir da Z, e *não* vou deixar que vocês me arrastem para uma briga qualquer de professores. — Stevie Rae fitou Kramisha. — Acreditas na tua Sumo-Sacerdotisa?

— Acredito — respondeu ela sem hesitar.

— Ótimo. Vem comigo. Aqui estás a perder tempo. Dallas?

— Como sempre, estou contigo, miúda — disse ele.

Stevie Rae olhou para cada um dos vamps.

— Minha gente, ganhem taramanhos. Notícia de última hora da única Sumo-Sacerdotisa que lhes resta nesta maldita escola: a Zoey não morreu. E vão por mim, eu sei o que é morrer. Já lá estive e até compreí a maldita t-shirt. — Stevie Rae virou costas à sala e, com os seus iniciados, saiu de lá a todo o vapor.



OITAVO CAPÍTULO

Afrodite

Afrodite não deixou que Dário a levasse ao colo da Sala do Conselho como ele queria. Não podia deixar Zoey sozinha no meio da trampa em que Neferet chafurdava sem mais companhia além de um Guerreiro abalado e uma manada dos marados meio histérica entre ela e a loucura total.

— Sim, acredito que é importante manter o corpo de Erebus bem vigiado na ausência do seu espírito. Talvez seja apenas um estado temporário em que ele caiu em reação ao ataque da Zoey — dizia Neferet ao Alto Conselho.

— Ao ataque da Zoey? Acabou mesmo de dizer isso? — Stark, de olhos inchados e rosto encovado, parecia à beira de rebentar.

— Vai ter com o Stark e tenta que ele domine o mau génio — sussurrou Afrodite ao seu Guerreiro. Como ele hesitava, ela acrescentou:

— Eu estou bem. Vou ficar aqui sentada a ouvir e a aprender — como se estivesse numa das festas da minha mãe a dar para o torto.

Dário assentiu. Acercou-se rapidamente de Stark e pôs uma mão no ombro do rapaz. Afrodite achou bom sinal Stark não o sacudir mas, por outro lado, o miúdo das setas estava uma lástima. Afrodite ficou a pensar no que aconteceria a um Guerreiro a quem morresse a Sacerdotisa, e depois estremeceu com uma premonição terrível do que estava para vir.

— A Zoey atacou realmente Erebus. O corpo sem espírito dele é prova inegável disso — disse Neferet, numa voz presunçosa.

— A Zoey estava a tentar impedir que o imortal lhe matasse o consorte — disse Dário antes que Stark pudesse retrucar.

queimada

— Ah, é essa a questão, não é? — Neferet fez um sorriso sedutor para Dário, e Afrodite teve vontade de a esgatanhar. — Porque *razão* haveria o meu consorte de ter necessidade de fazer mal ao Heath da Zoey? A única informação que temos sobre isso vem do próprio Erebus antes de o espírito lhe ser arrancado do corpo. As suas últimas palavras foram “Eu estava a proteger a minha Deusa”. Portanto, o que transpirou entre a Zoey e o Heath e Erebus é muito mais complicado do que poderá parecer a uma testemunha jovem e transtornada.

— Isto não foi nenhuma briga por causa de Nyx! Kalona matou Heath! Provavelmente por ter ciúmes do amor que a Zoey lhe dedicava — disse Stark, com ar de quem só queria deitar as mãos ao pescoço alvo de Neferet e apertar.

— E como te sentias tu quanto ao amor da Zoey pelo Heath? O vínculo de um Guerreiro é íntimo, não é? Tu estavas lá com eles quando a alma se estilhaçou. Onde está a tua parcela de culpa, Guerreiro? — Inquiriu Neferet.

Dário impediu Stark de se atirar a Neferet e Duantia falou rapidamente naquela tensão que se avolumava.

— Neferet, creio que todos estamos de acordo quanto às muitas perguntas sem resposta na tragédia que ocorreu na nossa ilha hoje. Stark, também compreendemos a paixão e a raiva que sentes pela perda da tua Sacerdotisa. É um rude golpe para um Guerreiro...

A sabedoria de Duantia foi interrompida pelo som de Aretha Franklin a berrar o refrão de “Respect”, o qual vinha da bolsinha de ombro de Afrodite.

— Ups, hum, desculpem lá. — Afrodite abriu freneticamente o fecho da bolsa e desencantou o iPhone. — Achei que tinha posto no silêncio. Não sei quem há de ser... — Calou-se quando viu a identificação no ecrã: Stevie Rae. Quase carregou na tecla IGNORAR, mas teve uma sensação – forte e clara. Precisava de falar com Stevie Rae.

— Hum, desculpem lá, mas tenho de atender. — Afrodite subiu a escada a correr e saiu da Sala, sentindo-se demasiado exposta ao olhar furibundo de todos, como se tivesse deixado cair um bebé ou afogado um cãozinho.

— Stevie Rae — sussurrou à pressa — sei que deves ter acabado de saber da Z, e que te estás a passar, mas esta é mesmo má altura.

— Tu podes sentir espíritos e tal do Outro Mundo? — Perguntou Stevie Rae sem sequer se ralar com “Então minha, que tal vai isso?”

Houve algo no seu tom de voz que impediu Afrodite de retrucar com o sarcasmo do costume.

— Pois, estou a começar a poder. Parece que fiquei sintonizada no Outro Mundo desde que comecei a ter visões – só hoje me apercebi.

— Onde está o corpo de Kalona?

Afrodite virou a esquina do átrio. Não havia ali ninguém, mas continuou a falar baixinho.

— Lá em baixo em frente ao Alto Conselho dos Vampyros, na Sala.

— A Neferet também lá está?

— Claro.

— A Zoey?

— Também. Bom, o corpo dela. A Z propriamente dita foi-se embora. O Stark passou-se completamente com o que aconteceu, e a Neferet está a irritá-lo tanto que ele nem consegue pensar. O Dário já lhe salvou o couro, não o deixa despedaçá-la com as próprias mãos. A manada dos marados está histérica.

— Mas tu aguentaste-te.

Stevie Rae não perguntou, mas Afrodite respondeu mesmo assim.

— Alguém tinha de se aguentar.

— Ótimo. Acho que descobri uma coisa sobre Kalona. Se eu tiver razão, a Neferet está até ao pescoço em coisas malignas, a ponto de lhe ter amarrado o corpo, e ordenado ao espírito dele que lhe obedeça, se o quiser recuperar.

— E qual seria a novidade disso?

— Aposto que seria novidade para a maioria do Alto Conselho dos Vampyros. A Neferet tem jeitinho para ganhar aliados.

Afrodite resfolegou.

— Tanto quanto vejo, a maioria não vê nada de mal nela.

— Foi o que pensei. Portanto, atacá-la abertamente será ainda mais difícil do que tê-la atacado quando ela estava cá.

— E com isso resumiste tudo. O que se passa com Kalona?

— Tens de ver o corpo dele com os teus supersentidos de Homem Aranha no Outro Mundo.

— És mesmo totó. Não há cá Homem Aranha. É uma personagem inventada da treta da banda desenhada — disse Afrodite.

— Chama-se novela gráfica e não banda desenhada – não seas tão crítica, caraças. Não tenho tempo para discutir contigo dos benefícios das novelas gráficas na imaginação das pessoas — disse Stevie Rae.

— Oh, por favor, se tiver penas no rabo e for à prova d'água, é pato. Bonecos com palavras dentro de balões fazem com que seja banda desenhada. É banda desenhada de totós, feita para cromos antissociais que não gostam de tomar banho. Fim de discussão.

queimada

— Afrodite! Orienta-te! Vai lá para a Sala e verifica o corpo de Kalona com os teus poderes de deteção do Outro Mundo. Procura esquisitice que mais ninguém possa ver. Tipo, sei lá...

— Uma teia de aranha nojenta e peganhenta de escuridão a toda a volta dele como grilhetas maradas? — Propôs Afrodite.

— Não me desatines com isto. É importante de mais. — A voz de Stevie Rae ficara muito séria.

— Não estou a desatinar. Estou a dizer-te o que já vi. O corpo dele está completamente coberto por fios pretos de uma coisa nojenta que, aparentemente, mais ninguém vê além de *moi-même*.

— É a Neferet! — A voz de Stevie Rae estava tensa da emoção. — Ela recorreu a uma coisa chamada Escuridão – o mal com M maiúsculo. É assim que ela está a usar o poder das Tsi Sgili. Conseguir prender Kalona com isso logo depois de a Zoey lhe ter ferido a alma – a única altura em que o corpo dele esteve fraco e vulnerável.

— Como é que sabes isso?

— Foi assim que as Cherokee o prenderam da última vez. — Stevie Rae evitou a pergunta com a única parte da verdade que jamais poderia contar a alguém. — A-ya perturbou-lhe o espírito com emoções a que ele não estava habituado, e as velhas usaram esta fraqueza para o apanhar.

— Isso faz sentido. Portanto, agora a Neferet tem-no amarrado e desalmado. Porquê? Ela é a amante superporca dele. Porque é que não o querará aqui com ela? Os dois podiam ter fugido sem serem apanhados por matarem o Heath.

— Pois, tirando duas coisas: ela teria parecido culpada, pelo que o Alto Conselho dos Vampyros teria sido obrigado a agir contra ela, e ela não teria cem por cento certeza de que a Zoey vai morrer.

— Mas que raio? O Conselho diz que ela tem uma semana, mas que depois a Z morre.

— Não é verdade. Se a alma dela voltar ao corpo, a Z não morre. A Neferet sabe disso, por isso ela...

— Ela amarrou o corpo de Kalona e mandou-o seguir a Z no Outro Mundo e garantir que ela não volta ao seu corpo — terminou Afrodite. — Só podia ser, catano! Mas não bate certo. Kalona é completamente obcecado pela Z. Não me parece que ele a queira ver morta.

— Pois, mas e se a única maneira de recuperar o corpo for matar a Zoey?

A voz de Afrodite endureceu.

— Então ele mata-a. Stevie Rae, o que raio vamos fazer?

— Temos de arranjar maneira de proteger a Z e de a ajudar a voltar ao corpo, e não, não sei como é que havemos de fazer isso. — Ela hesitou e, cruzando os dedos atrás das costas por causa daquela meia verdade, acrescentou:

— Hoje a terra ajudou-me a descobrir coisas muito estranhas sobre Kalona. Parece que ele era Guerreiro de Nyx. Ou seja, era um dos bons. Depois aconteceu qualquer coisa no Outro Mundo, e a Deusa baniu-o, e foi quando ele caiu à terra.

— Por isso, ele conhece o Outro Mundo muito melhor do que qualquer um de nós — disse Afrodite em tom sombrio.

— Pois. Caraças! O que precisamos é de um Guerreiro para a Zoey no Outro Mundo que possa enfrentar Kalona e trazer a Z de volta ao corpo dela.

Afrodite sentiu-se sacudida pela compreensão com as palavras de Stevie Rae.

— Mas ela já tem um Guerreiro.

— O Stark está *neste* mundo. Não está no Outro Mundo.

— Mas um Guerreiro e a sua Sacerdotisa estão ligados por um vínculo que é todo sobre espírito e juramentos e dedicação. Eu sei! Tenho-o com o Dário. — A voz de Afrodite ia ficando cada vez mais empolgada enquanto raciocinava.

— E tu não me vais dizer que o meu Guerreiro não me seguiria até à boca do inferno para me proteger. Só precisamos de levar a alma do Stark para o Outro Mundo para ele poder proteger lá a Z, tal como ele já faz aqui. — *E poderá salvá-lo também*, acrescentou ela em silêncio de si para consigo.

— Não sei, Afrodite. O Stark deve estar bastante marado depois de perder a Zoey e tudo.

— Precisamente. Ele tem de se salvar salvando-a.

— Mas isso não funciona. Tenho andado a lembrar-me do que li no Manual do Iniciado. Há lá uma história enorme sobre uma Sacerdotisa e o seu Guerreiro que morreu quando a alma dela ficou estilhaçada e ele foi atrás dela ao Outro Mundo.

— Por favor, totó. Está no Manual porque se destina a assustar terceiranistas atrasadinhos, como tu, para que as iniciadas novinhas e boazonas não se cheguem aos Guerreiros Filhos de Erebus jeitosos. É uma estupidez que deve ter sido escrita por uma Sumo-Sacerdotisa megera qualquer que já não tinha sexo há, sei lá, cem anos. Literalmente. O Stark tem de seguir a Zoey até ao Outro Mundo, dar uma abada no espírito do Kalona, e trazê-la de volta.

queimada

— Tem de ser mais complicado do que isso.

— Provavelmente, mas enfim. Havemos de descobrir.

— Como?

Afrodite calou-se, a pensar em Tanatos e nos seus olhos escuros e sábios.

— Pode ser que eu conheça alguém que nos possa remeter para a direção certa, pelo menos.

— Não deixes que a Neferet saiba que já a topaste — avisou Stevie Rae.

— Não sou estúpida, estúpida — disse Afrodite. — Deixa isto tudo nas minhas mãos extremamente capazes e bem arranjadas. Ligo-te mais logo com notícias. Adeus! — Afrodite premiu a tecla fim de chamada antes que Stevie Rae a pudesse chatear mais e, com um sorriso astuto, dirigiu-se à Sala do Conselho.